

Santo Agostinho

**Sobre
A
Mentira**

**Tradução de: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018**

Sobre a mentira

Santo Agostinho

No que consiste a mentira? Podemos, algumas vezes, mentir? Estas são as questões que o Santo Doutor se propõe discutir.

Exemplos e razões pró e contra. Oito espécies de mentiras, examinadas uma a uma e rejeitadas.

Conclusão: não se deve mentir jamais.

Introdução¹

Escrevi um livro sobre a mentira. Mesmo que ele exija algum esforço para ser compreendido, ele pode ser um útil exercício à mente e ao intelecto e também ser vantajoso para os costumes, fazendo com que seja amada a sinceridade no falar.

Eu tinha me decidido retirar este livro de minhas obras, porque ele é obscuro e cheio de sinuosidades. Ele me parecia insuportável e então eu não o publiquei.

Mais tarde, quando escrevi outro intitulado **Contra a mentira**, eu muito mais decididamente tinha resolvido destruí-lo.

Isto não foi feito e eu o encontrei salvo e salvo, por ocasião da revisão de minha obra. Então, após tê-lo revisto, decidi que ele

¹ Das *Revisões*. Livro I, cap. XXVII.

sobreviveria. Há nele, de fato, coisas muito necessárias e que não estão no outro.

O título deste último é **Contra a mentira** e o título do primeiro é **Sobre a mentira**. Aquele é inteiro um combate aberto à mentira e este é uma pesquisa e uma discussão. O objetivo, no entanto, dos dois, é o mesmo.

Esta obra começa assim: “A mentira é uma questão importante”.

Capítulo 01

A dificuldade do tema.

A mentira é uma questão importante. Frequentemente ela provoca perturbação em nosso comportamento habitual e nos oferece este duplo perigo: considerarmos, de maneira apressada, como mentira o que não é mentira ou considerarmos que podemos algumas vezes mentir por um motivo honroso, para prestar um favor ou por piedade.

Nós a trataremos então com todo o cuidado possível, enfrentaremos as dificuldades que surgirem e não afirmaremos nada ao acaso. O leitor atento perceberá, neste mesmo tratado, o resultado de nossas pesquisas, se houver um, pois o tema é obscuro, por assim dizer, cheio de sinuosidades e recantos tenebrosos, onde frequentemente o pensamento daquele que se ocupa com ele fica

aprisionado, a ponto de o objetivo buscado escapar por entre os dedos, reaparecer depois e em seguida sumir novamente. No fim, no entanto, um exame atento levará a um resultado certo.

Se for encontrado algum erro, como a verdade liberta de todo erro, enquanto que a falsidade arrasta tudo, eu me consolarei, pelo menos, pensando que, de todos os erros, o menos perigoso é aquele que se comete por um amor excessivo à verdade e um ódio exagerado à falsidade.

De fato, os críticos austeros dizem: “Há aí um excesso”. Mas, talvez a verdade diga: “Ainda não é suficiente”.

Em todo caso, leitor, seja você quem for, não critique antes de ter lido tudo e você encontrará menos coisas para criticar. Não preste atenção ao estilo, pois ficamos muito presos aos fundamentos das coisas e cedemos à necessidade de terminar prontamente uma obra muito necessária para as necessidades cotidianas da vida. Por isso, nos ocupamos pouco ou quase nada com a escolha das expressões.

Capítulo 02

As piadas não são mentiras.

Isentamos primeiramente as piadas, que jamais passaram por mentiras, pois a própria maneira como são contadas e a afeição daqueles que ouvem, mostram de forma bem evidente que

não há nenhuma intenção de enganar, mesmo que não se diga a verdade.

Mas as almas perfeitas devem se permitir as piadas? Esta é uma questão que não temos intenção de tratar aqui.

Colocamos então as piadas de lado e começamos por este ponto: não tratar como mentiroso aquele que não mente.

Capítulo 03

O que é a mentira? Para mentir é preciso ter a intenção de enganar e esta intenção basta?

Precisamos ver então o que é a mentira, pois, dizer uma coisa falsa não é mentir, quando se acredita ou se imagina que seja a verdade.

Entre acreditar e imaginar há uma diferença. Algumas vezes, aquele que acredita sente que não compreende aquilo que acredita, mesmo que não tenha nenhuma dúvida sobre a coisa que ele sabe que não compreende, mas que acredita com plena convicção, enquanto que aquele que imagina, pensa saber o que ignora completamente.

Quem enuncia uma coisa que acredita ou imagina ser verdadeira, mesmo que seja falsa, não mente. De fato, há uma confiança tal em seu enunciado, que ele só quer expressar o que há em sua mente e ele o expressa de fato.

Mas, mesmo que ele não minta, nem por isso ele está livre de censura, se ele acredita no que não deve acreditar ou se pensa saber uma coisa que ignora, mesmo quando isso é verdadeiro, pois ele considera conhecida uma coisa desconhecida.

Assim então, mentir é ter uma coisa na mente e enunciar outra, seja com palavras, seja com sinais quaisquer. É por isso que se diz que o mentiroso tem o coração duplo, ou seja, um duplo pensamento: o pensamento da coisa que ele sabe ou acredita ser verdadeira e que não expressa e o pensamento da coisa que ele expressa, mesmo sabendo ou acreditando que é falsa.

Daí resulta que se pode, sem mentir, dizer uma coisa falsa, quando se acredita que ela é como se diz, mesmo que ela não seja assim realmente. Também se pode mentir dizendo a verdade, quando se acredita que uma coisa é falsa, mas a enunciamos como verdadeira, embora ela seja realmente tal como se enuncia, pois, é de acordo com a disposição da alma e não de acordo com a verdade ou a falsidade das próprias coisas que se deve julgar se a pessoa mente ou não mente.

Podemos dizer que aquele que enuncia uma coisa falsa como verdadeira, mas que a acredita verdadeira, se engana ou é imprudente, mas não se pode chamar essa pessoa de mentirosa, porque ela não tinha o coração duplo quando falou e não tinha, portanto, a intenção de enganar, mas que apenas se enganou.

O pecado do mentiroso é o desejo de enganar ao enunciar, seja dando fé na palavra que expressa algo falso, seja porque, na realidade ele não engana ou porque não acredita ou porque a coisa que se acredita em sua palavra é verdadeira, mesmo que ele a diga com a intenção de enganar.

Quando, neste caso, se dá fé à palavra de quem enuncia, ele não engana, apesar de sua intenção de enganar, ou, pelo menos, ele não engana no sentido de que se acredita que ele esteja informado ou convencido da coisa que ele enuncia.

Capítulo 04

Mente quem diz falsidade sem intenção de enganar ou quem diz a verdade com intenção de enganar?

Enfim, esta é uma questão muito sutil: sem a intenção de enganar, não há jamais a mentira?

O que dizer daquele que sabe que uma coisa é falsa e, no entanto, a afirma, porque ele sabe que não acreditarão nela e ele quer impedir que acredite na mentira a pessoa a quem ele afirma a coisa e que ele sabe que não vai dar fé nela?

Se mentir é enunciar uma coisa diferente do que ela é ou que se acredita que ela seja, essa pessoa mente com o propósito de não enganar, mas se a mentira pressupõe necessariamente a intenção de enganar, ela não mente, pois, embora convencida do que o que

diz é falso, ela o diz, no entanto, para que aquele a quem fala e que ele sabe ou pensa que não vai acreditar no que foi dito, precisamente não acredita e não é enganado.

Mas se, por um lado, parece possível que alguém diga uma coisa falsa expressamente para que aquele a quem diz não acredite, por outro lado, encontramos o caso contrário em que se diz a verdade com a intenção de enganar.

De fato, aquele que diz a verdade precisamente porque pensa que não se acreditará no que foi dito, a diz, evidentemente, para enganar, pois ele sabe ou pensa que o que diz poderá ser considerado como falso, justamente porque ele o diz. Desta forma, dizendo a verdade com a intenção de que ela passe por falsidade, ele diz a verdade com a intenção de enganar.

Precisamos examinar então quem é o verdadeiro mentiroso: aquele que diz falsidade não para enganar ou aquele que diz a verdade para enganar. O primeiro, sabendo ou acreditando que o que diz é uma falsidade e o segundo, sabendo ou acreditando que o que diz é verdadeiro.

Já dissemos que, aquele que enuncia uma falsidade acreditando que é uma verdade não mente, mas mente aquele que enuncia como verdadeiro uma coisa que acredita ser falsa, mesmo que ela seja verdadeira, porque, em ambos os casos, é de acordo com a disposição da alma que é preciso julgar.

A questão que nos colocamos é, portanto, grave. Por um lado, uma pessoa que sabe ou acredita que o que diz é falso e a diz para não enganar. Por exemplo, uma pessoa que sabe que um caminho é frequentado por ladrões e, temendo que uma pessoa, por cuja vida ele se interessa, tome esse caminho, mas convencido de que essa pessoa não acreditará em sua palavra, ela diz que não há ladrões nesse caminho, precisamente para evitar que a pessoa passe por ali, já que o viajante, considerando-a como uma mentirosa, acreditará que os ladrões estão por ali, justamente porque o indivíduo no qual ela não acredita disse o contrário.

O oposto é o caso de uma pessoa que sabe ou pensa que o que diz é verdade, mas o diz com a intenção de enganar. Por exemplo, alguém diz a uma pessoa, que não tem fé nele, que há ladrões em um determinado caminho, onde ele sabe que há realmente, para que a pessoa, convencida de que o que é dito é falso, prefira esse caminho a qualquer outro e caia, assim, nas mãos dos ladrões.

Nestes casos, qual dos dois é mentiroso? É aquele que diz uma coisa falsa sem a intenção de enganar ou é aquele que diz uma verdade, com a intenção de enganar?

É aquele que, ao dizer uma coisa falsa, tinha a intenção de levar à verdade aquele com o qual falava ou é aquele que, ao dizer

a verdade, se propôs fazer cair na falsidade a pessoa a quem se dirigia?

Ou ambos mentiram? Um, por ter desejado dizer uma falsidade e o outro, por ter desejado enganar.

Ou então, nenhum dos dois mentiu. Um, porque tinha a intenção de não enganar e o outro, porque tinha a de dizer a verdade.

Não se trata aqui de saber qual dos dois pecou, mas sim, qual deles mentiu. Acreditamos, de fato, numa primeira olhada, que um pecou ao dizer a verdade, para fazer com que uma pessoa caísse nas mãos dos bandidos e que o outro não pecou __ e até mesmo fez um bem __ ao dizer uma coisa falsa com o objetivo de salvar alguém da morte.

Mas, podemos voltar estes exemplos para outro sentido. Um poderia ter em vista um mal maior para a pessoa que ele não queria ver cair no erro, pois muitos morreram ao conhecerem coisas verdadeiras, que deveriam ignorar. O outro poderia visar alguma vantagem para aquele que ele quis enganar, pois há pessoas que morreriam se conhecessem alguns infortúnios reais acontecidos a pessoas caras e que se livraram deles porque não acreditaram que eles fossem verdadeiros. De sorte que o erro foi útil a este e nocivo àquele.

Não se trata aqui da intenção que um teve de ser útil, ao dizer uma coisa falsa para não enganar e o outro de arruinar, ao dizer uma coisa verdadeira para induzir ao erro. Mas, colocando de lado as vantagens e os inconvenientes que puderam resultar para aqueles aos quais falaram e nos prendendo somente ao ponto de vista do verdadeiro ou do falso, pergunta-se qual dos dois mentiu, se ambos mentiram ou se ninguém mentiu.

De fato, se mentir é falar com a intenção de expressar uma coisa falsa, o mentiroso será então aquele que quis dizer uma coisa falsa e que realmente o disse, mesmo que o tenha dito para não enganar.

Se, pelo contrário, mentir é falar com a intenção de enganar, não é este então que mentiu, mas aquele que quis enganar, mesmo dizendo a verdade.

Por fim, se mentir é falar com a vontade de enunciar uma coisa falsa, ambos mentiram, porque um realmente quis enunciar uma coisa falsa e o outro teve a intenção de fazer passar por falso a verdade que expressava.

Se mentir é enunciar uma coisa falsa conscientemente e com a intenção de enganar, nem um e nem outro mentiram, porque um, ao dizer uma coisa falsa, teve a intenção de fazer com que ela fosse acreditada como verdadeira e o outro disse uma verdade para fazer com que acreditassem que ela era falsa.

Assim, para evitar absolutamente qualquer imprudência e qualquer mentira, é preciso enunciar, quando a circunstância exige, o que sabemos ser verdadeiro ou digno de fé e querer convencer com o que enunciamos.

Mas, acreditar que é verdadeiro o que é falso, considerar conhecido o que é desconhecido, dar fé ao que não merece fé, ou enunciar sem necessidade, mas sem outra intenção além de convencer com o que é expresso, isto é incorrer na reprovação do erro por imprudência e não por mentira. Estamos protegidos de qualquer censura quando temos consciência de só enunciar o que sabemos, pensamos ou acreditamos ser verdadeiro e de não querer fazer com que se acredite em nada além do que dizemos.

Capítulo 05

A mentira pode ser, algumas vezes, útil ou permitida?

Mas, a mentira, algumas vezes, é útil? Esta é uma questão muito mais grave e muito mais importante.

Depois, há mentira quando uma pessoa __ que não tem a intenção de enganar, que age mesmo para que aquele com quem fala não seja enganado __ sabe, no entanto, que o que enuncia é falso e busca, ao fazê-lo, fazer com que ele passe por verdadeiro? Ou quando uma pessoa enuncia uma coisa que sabe ser verdadeira,

mas com a intenção de enganar? Podemos levantar dúvidas como estas.

Enfim, ninguém contesta que houve mentira quando se enunciou conscientemente uma coisa falsa com a intenção de enganar. Por consequência, todo enunciado de uma coisa proveniente da intenção de enganar é, evidentemente, uma mentira. Mas, se só há mentira neste caso, isto é outra questão.

Até mesmo sobre o ponto em que todos estão de acordo, levantamos uma questão. Algumas vezes é útil enunciar uma coisa com a intenção de enganar?

Os que tendem para a afirmação apoiam sua opinião em testemunhos e recordam que Sara, tendo rido, afirmou, no entanto, aos anjos, que não tinha rido²; que Jacó, interrogado por seu pai, respondeu que era Esaú, seu filho mais velho³; que as parteiras egípcias mentiram para salvar da morte os filhos dos hebreus e que Deus aprovou e recompensou seu comportamento⁴ e muitos outros exemplos deste gênero, retirados de personagens que não se ousaria censurar. Isto é feito com o objetivo, não apenas de demonstrar que a mentira nem sempre é dolosa, mas que é até mesmo digna de elogio.

² Cf. Gênesis 18: 15.

³ Cf. Gênesis 27: 19.

⁴ Êxodo 1: 19 e 20.

Além deste argumento, que perturba aqueles que leem os livros santos, eles invocam ainda a opinião geral e o senso comum e dizem: se uma pessoa se escondesse em sua casa e você pudesse livrá-la da morte com somente uma mentira, você não mentiria? Se um doente lhe fizesse uma pergunta e a resposta pudesse prejudicá-lo, ou até mesmo seu silêncio pudesse agravar seu mal, você ousaria dizer-lhe a verdade, arriscando sua vida, ou se manteria em silêncio, invés de salvar sua vida com uma mentira honesta e inspirada pela compaixão?

Com estes argumentos e com outros semelhantes, eles acreditam demonstrar abundantemente que se deve mentir algumas vezes para fazer um bem.

Capítulo 06

A mentira no Antigo Testamento.

Aqueles que sustentam a opinião contrária empregam, por sua vez, argumentos bem mais poderosos ainda.

Primeiramente, eles se apoiam no que está escrito no Decálogo: *Não levantarás falso testemunho contra teu próximo*⁵. Esta expressão inclui toda espécie de mentira, pois quem enuncia alguma coisa, presta testemunho à sua alma.

⁵ Êxodo 20 : 16.

Mas, para que não se conteste esta explicação __ que o falso testemunho inclui toda espécie de mentira __ que se responda a esta outra afirmação: *A boca que mente mata a alma*⁶.

E, ainda supondo que se possa levantar alguma exceção, o que opor a isto: *Fazeis perecer aqueles que mentem*⁷?

Também, o Senhor mesmo disse: *Dizei somente sim, se é sim e não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno*⁸.

Isto fez com que o Apóstolo, ao falar da ação de se livrar do velho ser humano __ expressão com a qual ele reúne toda espécie de pecado __ teve o cuidado de dizer: *Por isso, renunciad à mentira. Fale cada um a seu próximo a verdade, pois somos membros uns dos outros*⁹.

Capítulo 07

Em que sentido os livros do Antigo Testamento não ensinam a mentir.

Quanto aos exemplos de mentira tirados do Antigo Testamento, os partidários desta última opinião afirmam que não se abalam. Lá, de fato, todos os exemplos, mesmo reais, podem ser tomados num sentido figurado.

⁶ Sabedoria 1: 11. *Os autem quod mentitur occidit animam.*

⁷ Salmo 5: 7.

⁸ Mateus 5 : 37.

⁹ Efésios : 25.

Ora, tudo o que se faz ou se diz figuradamente não é uma mentira, pois todo enunciado deve ser julgado segundo o objetivo pelo qual é feito e tudo o que se faz ou se diz em sentido figurado enuncia o que significa à inteligência daqueles aos quais é proposto.

É preciso então acreditar que os personagens que foram rodeados de consideração nos tempos proféticos fizeram ou disseram com um objetivo profético tudo o que é contado deles nas Escrituras e que foi também em um sentido profético que lhes sobreveio todos os acontecimentos que o mesmo espírito profético julgou dignos de serem transmitidos por escrito à posteridade.

Quanto às parteiras, como não se pode dizer que elas eram animadas por um espírito profético, nem que elas visavam o futuro, quando disseram ao faraó uma coisa por outra, mesmo que sua ação tivesse um significado além da vontade delas, pretende-se, pelo menos, que elas foram aprovadas e recompensadas por Deus na proporção de seus méritos.

De fato, é um grande progresso mentir para fazer o bem, quando se tem o hábito de mentir para o mal. Mas, uma coisa é propor uma ação como louvável propriamente e outra coisa é dar preferência a uma ação má sobre outra pior.

As felicitações que dirigimos a uma pessoa saudável não são as mesmas que dirigimos a um doente que está melhorando. Ve-

mos até mesmo as Escrituras justificando Sodoma, em comparação com as iniquidades do povo de Israel.

Todas as mentiras citadas do Antigo Testamento, que não são criticadas e não podem sê-lo, os defensores desta opinião as julgam de acordo com esta regra: ou elas são justificadas pelo caráter daqueles que as pronunciam e neles elas atestam um progresso, pelas esperanças que resultam delas, ou seu sentido figurado não permite chamá-las de mentiras de maneira absoluta.

Capítulo 08

Não há nenhuma mentira nos livros do Novo Testamento.

Considerando a vida, os costumes, as ações e as palavras dos santos relatadas nos livros do Novo Testamento e excluídas as instruções dadas pelo Senhor em alegorias, não se encontrará nada ali que estimule a mentira por imitação. As dissimulações de Pedro e Barnabé, não somente são lembradas mas também censuradas e corrigidas¹⁰.

Tampouco o apóstolo Paulo usou dessa dissimulação, como pensam alguns, quando circuncidou Timóteo¹¹ ou praticou algumas cerimônias do rito judaico. Ele praticou o princípio que havia pregado: que a circuncisão não era útil aos gentios e nem nociva

¹⁰ Gálatas 2: 11-13.

¹¹ Cf. Atos 16: 1-3.

aos judeus. Segundo ele, não era preciso mais constranger os pagãos a este costume judeu e nem considerar um crime os judeus seguirem as tradições de seus pais.

Foi isto que o fez dizer: *O que era circunciso quando foi chamado à fé, não dissimule sua circuncisão. Quem era incircunciso, não se faça circuncidar. A circuncisão de nada vale e a incircuncisão de nada vale, o que importa é a observância dos mandamentos de Deus. Cada um permaneça na profissão em que foi chamado por Deus*¹².

Como, de fato, passar por incircunciso, quando se foi circuncidado? Que ele *não dissimule*, diz o Apóstolo, que ele não viva como se não fosse circuncidado, ou seja, que ele não retome esse pedaço de carne que retirou, como se deixasse de ser judeu, falando no sentido empregado em outro lugar: *Se fores transgressor da Lei, serás, com tua circuncisão, um mero incircunciso*¹³.

Paulo não emprega essa linguagem para forçar os gentios a permanecerem incircuncisos ou os judeus a conservar a prática de seus pais, mas para mostrar, tanto a uns quanto aos outros, que nada, pelo contrário, pode obrigá-los a mudar de situação, que eles são livres e, de forma alguma, coagidos a permanecer fiéis de acordo com seu costume.

¹² 1 Coríntios 7: 18-20.

¹³ Romanos 2 : 25.

Sem dúvida que, se um judeu julgasse adequado, sem prejudicar ninguém, abandonar as observações judaicas, o Apóstolo não o impediria e se ele o aconselha a permanecer fiel, é para que práticas dali por diante supérfluas não provoquem perturbações entre os judeus e não os afastem do que é necessário à salvação.

Ele também não impedia um pagão que quisesse se circuncidar, unicamente para provar que não via esse rito como nocivo, mas como um sinal indiferente, cuja utilidade havia desaparecido com o tempo, pois, se não havia salvação a esperar com isso, também não havia a morte para se temer.

Foi por isso que Timóteo, chamado como um incircunciso, mas que era nascido de uma mãe judia, foi circuncidado pelo Apóstolo. Ele devia provar para seus próximos, para conquistá-los, que a doutrina cristã não o havia ensinado a odiar os sacramentos da antiga Lei e, ao mesmo tempo, mostrar aos judeus que se os gentios não os recebiam, não era porque eles os considerassem maus e nem por condenar o comportamento dos judeus de outrora, mas porque eles não eram mais necessários à salvação, após o advento do grande mistério que toda a antiga Escritura tinha descrito durante tantos séculos, através de alegorias proféticas.

Paulo teria também circuncidado Tito, diante da insistência dos judeus, se falsos irmãos não tivessem intervindo, com o objetivo de espalhar o rumor de que Paulo havia cedido à evidência de

seus argumentos, de que a esperança de salvação repousava na circuncisão da carne e outras observâncias do gênero e que, sem isso, Cristo não servia de nada para ninguém¹⁴, quando, pelo contrário, Cristo não servia de nada para aqueles que recebiam a circuncisão como uma condição necessária à salvação. Isto fez com que o Apóstolo dissesse: *Eis que eu, Paulo, vos declaro: se vos circuncidardes, de nada vos servirá Cristo*¹⁵.

Foi, portanto, em virtude dessa liberdade que Paulo permaneceu fiel às tradições paternas, mas tomando suas precauções e tendo o cuidado de pregar que não se devia acreditar que um cristão não pode se salvar sem isso.

Pedro, pelo contrário, com sua dissimulação, forçava os gentios a abraçar o judaísmo, como se esta fosse a condição para a salvação. É isto o que demonstram estas palavras de Paulo: *Com que direito obrigas os pagãos convertidos a viver como os judeus?*¹⁶

Os gentios só se sentiam forçados a isso porque viam Pedro praticar essas observâncias, como se eles fossem necessárias à salvação. Não devemos, portanto, comparar a dissimulação de Pedro com a liberdade com a qual Paulo agia.

¹⁴ Cf. Gálatas 2: 3-5.

¹⁵ Gálatas 5: 2.

¹⁶ Gálatas 2: 14.

Por consequência, devemos amar Pedro, aceitando de bom coração a reprimenda e não invocar em favor da mentira a autoridade de Paulo, que reconduziu publicamente Pedro ao bom caminho, para que seu exemplo não forçasse os gentios a se judaizar. Como ele passava como inimigo das tradições paternas, porque ele não queria impô-las aos gentios, com o objetivo de confirmar sua doutrina através de sua conduta, ele não deixou de se conformar a essas mesmas tradições, segundo o costume da região, mostrando bem com isso que, com a chegada de Cristo, esses ritos não eram nocivos aos judeus, não eram necessários aos gentios e não eram vantajosos a ninguém.

Capítulo 09

Não há, nos livros sagrados, nenhum argumento válido a favor da mentira.

Assim, não se pode justificar a mentira segundo os livros do Antigo Testamento, seja porque tudo o que se faz ou se diz em sentido figurado não é mentira, seja porque não se propõe a imitação dos bons, o que nos maus é um primeiro passo na via do progresso, por comparação a ações piores.

Também não se pode justificar a mentira segundo os livros do Novo Testamento, porque é a reprimenda e não a dissimulação

que ali nos é oferecido como modelo, como é a dor de Pedro e não sua negação, que ali nos é apresentada à nossa imitação.

Essas mesmas pessoas pretendem, com muito mais segurança ainda, que não se deve ter nenhuma consideração com os exemplos tirados do uso geral.

Primeiramente, elas afirmam que a mentira é uma iniquidade e o provam com numerosos textos das santas Escrituras e principalmente este: *Detestais a todos os que praticam o mal. Fazeis perecer aqueles que mentem. O homem cruel e doloso vos é abominável, ó Senhor*¹⁷.

O Salmista, eles dizem, explica no verso seguinte o sentido do anterior, segundo o costume das Escrituras, de sorte que, sendo o significado da palavra *mal* mais extenso, ele mencionou a mentira para especificar um gênero de mal. Ou então, se há uma diferença, ela recairá contra a mentira, que supera em gravidade toda a distância que separa estas duas expressões *detestais e fazeis perecer*.

Pode acontecer de o ódio de Deus ser mitigado até o ponto de não fazer perder aquele que é seu alvo, mas aquele que ele faz perder, ele odeia tão violentamente quanto mais ele o pune severamente. Ora, ele odeia todos aqueles que cometem iniquidades, mas ele faz perder aqueles que proferem mentiras.

¹⁷ Salmo 5: 6 e 7.

Isto posto, o que importa aos defensores desta opinião é que se proponha a eles este exemplo: se uma pessoa se esconde em sua casa e você pode salvá-la da morte com uma mentira, o que você faria? Pois essa morte, que tanto temem em sua tolice as pessoas que não temem pecar, não mata a alma, mas sim o corpo, como o Senhor ensina no Evangelho, mostrando que ele não quer que ela seja temida¹⁸. Já *a boca que mente mata a alma* e não o corpo, como diz bem claramente a Escritura¹⁹.

Não é um crime então dizer que se deve matar sua alma para salvar a vida do corpo de alguém? O amor que se deve ao próximo está limitado pelo amor que se deve a si mesmo, pois está dito: *Amarás teu próximo como a ti mesmo*²⁰.

Como se amaria o próximo como a si mesmo, se se perdesse a vida eterna para lhe propiciar a vida temporal, já que sacrificar sua própria vida temporal para salvar uma vida temporal já não é amar mais o próximo do que a si mesmo, o que ultrapassa a regra da sã doutrina? Com muito mais razão, não é amar o próximo como a si mesmo, perder a vida eterna, com uma mentira, para salvar a vida temporal do próximo.

Sem dúvida que um cristão não hesitaria em sacrificar sua vida temporal para salvar a vida eterna do próximo. O Senhor deu

¹⁸ Cf. Mateus 10: 28.

¹⁹ Sabedoria 1: 11. *Os autem quod mentitur occidit animam.*

²⁰ Mateus 22 : 39 e Levítico 19: 18.

o exemplo ao morrer por nós. Este é o sentido destas palavras do Salvador: *Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*²¹. Ninguém pode ser tão insensato para dizer que o Senhor tinha em vista algo diferente do que a salvação eterna dos seres humanos, seja fazendo o que ele ordenou, seja ordenando o que ele fez.

Portanto, como se perde a vida eterna ao mentir, jamais é permitido mentir para salvar a vida temporal de alguém.

Quanto àqueles que se irritam, que se indignam, se lhes for recusada a perda de sua alma, com uma mentira, para propiciar a alguém a prolongação de sua vida carnal, o que dirão no caso em que, pelo roubo ou pelo adultério, podemos igualmente salvar alguém da morte? Temos também que roubar ou cometer adultério?

Essas pessoas não pensam que a consequência forçosa de sua doutrina seria que, na suposição em que alguém, tendo nas mãos uma corda, pediria a uma mulher o sacrifício de sua honra, sob a ameaça de se pendurar se ela não concordar com seu pedido, essa mulher seria obrigada a consentir com o pedido, para salvar uma alma, segundo a expressão que estamos empregando.

²¹ João 15: 12 e 13.

Ora, se essa consequência é absurda e criminosa, por que se perderia sua alma com uma mentira, para conservar a vida do corpo de alguém, já que livrar o corpo do desonrador, com esse objetivo seria um ato vergonhoso e universalmente reprovado?

Portanto, há aqui somente um ponto a considerar: a mentira é uma iniquidade? Demonstrado este ponto, através dos textos citados, perguntar se é permitido mentir para salvar a vida do próximo é perguntar se devemos cometer uma iniquidade para salvar a vida do próximo.

Ora, se isto é absolutamente oposto à salvação da alma ___ que só pode ser salva pela justiça e que deve ser preferida, não somente à vida temporal de alguém, mas à nossa mesma ___ como se poderia hesitar, minimamente que seja, em admitir que não se deve mentir jamais?

Não se poderia negar que a saúde e a vida do corpo são os mais preciosos e mais caros de todos os bens temporais. Mas, se devemos sacrificá-los para a verdade, o que objetarão aqueles que afirmam que, algumas vezes, é permitido mentir? Que suposição farão que pode autorizar a mentira?

Capítulo 10

Não se deve mentir nem mesmo para conservar a castidade do corpo. O que é a libertinagem.

Se for o caso da castidade do corpo. Uma pessoa muito honrada se apresenta e pede permissão para mentir, mentir sem hesitação, no caso em que uma pessoa quer agredi-la e lhe causar uma desonra que ela poderia evitar através de uma mentira.

A resposta é fácil: o pudor do corpo depende da pureza da alma. Retire a pureza da alma e a do corpo desaparece, mesmo que pareça intacta. Assim, a pureza da alma não deve ser contada como um bem temporal, já que não se pode perdê-la com o uso da força. Se a alma não se corrompe com a mentira, para salvar a pureza do corpo, este seguirá inviolado, se a alma se conserva incorruptível.

De fato, o que o corpo sofre através da violência e sem as preliminares da paixão, não deve ser chamado de corrupção, mas violência tirânica.

Mesmo que toda violência seja uma corrupção, nem toda corrupção é dolosa, a menos que a paixão a tenha provocado ou consentido com ela.

Quanto mais a alma é superior ao corpo, mais criminoso é manchá-la. O santuário do pudor está então onde a corrupção não pode existir, a não ser que seja voluntária.

Se um libertino ataca o corpo violentamente e não se pode afastá-lo, nem pela força, nem por conselhos e nem pela mentira, somos certamente obrigados a convir que o puder não é atingido por uma paixão estranha.

Por consequência, como ninguém duvida de que a alma seja superior ao corpo, é preciso preferir, à pureza do corpo, a da alma, que não se deve perder jamais. Ora, quem ousaria dizer que a alma do mentiroso é justa?

Define-se com razão a paixão como sendo uma cobiça da alma que a faz preferir os bens temporais aos bens eternos. Portanto, ninguém poderá provar que é permitido algumas vezes mentir, sem demonstrar, ao mesmo tempo, que se pode obter algum bem eterno através da mentira.

Mas, como nos afastamos da eternidade na medida em que nos afastamos da verdade, seria o cúmulo do absurdo dizer que afastando-se de lá pode-se chegar a algum bem. Se existe algum tipo de bem que não contemple a verdade, ele não é verdadeiro e se ele não é verdadeiro, ele não é um bem.

Ora, assim como devemos preferir a alma ao corpo, devemos também preferir a verdade à alma, de modo que esta prefira a verdade ao corpo e até a ela mesma. Ela será, de fato, mais pura e mais casta, na medida em que possua o imutável e não ao se apoiar em sua mutabilidade.

Se Lot, que era justo a ponto de merecer ter anjos como hóspedes, entregou suas filhas à infame paixão dos habitantes de Sodoma, preferindo ver a desonra cair sobre as mulheres do que sobre os homens²², quanto mais de zelo e firmeza devemos dedicar à manutenção da castidade da alma na verdade, já que é muito mais conforme à verdade preferir a alma ao corpo, do que um corpo de homem ao corpo de uma mulher?

Capítulo 11

Não se deve mentir nem mesmo para propiciar aos outros a vida eterna.

Talvez alguém pense que pode mentir por alguém, para lhe salvar a vida eterna ou lhe poupar algum sofrimento em suas mais caras afeições e fazê-lo chegar assim, por meio da instrução, à vida eterna.

Em primeiro lugar, não se está prestando atenção ao fato de que não há crime quando se é forçado a cometê-lo nas mesmas condições, como já demonstramos e também que a própria autoridade da doutrina seria abalada e sabotada pela base se aquele que procuramos instruir viesse a ficar convencido, por causa de nossa mentira, de que algumas vezes é permitido mentir.

²² Cf. Gênesis 19: 8.

De fato, como a doutrina da salvação é composta em parte por coisas que é preciso acreditar, em parte por coisas que é preciso compreender e que não se pode chegar ao que é preciso compreender sem acreditar previamente no que é preciso acreditar, como dar fé àquele que pensa que se pode mentir algumas vezes e como não temer que ele está mentindo precisamente quando ele está ordenando acreditar?

Como saber se, nesse momento, não há algum suposto motivo para mentir oficiosamente, com o pensamento de que uma história falsa pode assustar alguém, preservá-lo de ser arrastado pela paixão e pensar que se pode agir assim por interesses espirituais?

Uma vez esse procedimento admitido, uma vez aceito, é o fim de todos os ensinamentos da fé e, sem a fé, é impossível chegar ao intelecto, pois é ela que alimenta as crianças e as prepara para a compreensão.

Por consequência, toda a doutrina da verdade desaparece, para dar lugar à licença desenfreada do erro, quando se abre de um lado ao outro a porta da mentira, mesmo oficiosa.

De fato, ou aquele que mente prefere as vantagens temporais, sejam próprias ou de outros, em detrimento da verdade, ou, ao procurar atrair alguém para a verdade com a ajuda da mentira, fecha-se a porta à própria verdade, pois, ao desejar se tornar apto a

instruir mentindo, faz-se com que a autoridade seja duvidosa quando ela proclama a verdade.

Então, não se pode acreditar em pessoas de bens, ou se pode acreditar naqueles que sabemos que são obrigados a mentir algumas vezes ou não se pode acreditar que pessoas de bem recorram à mentira algumas vezes. No primeiro caso, há um perigo mortal e no segundo há uma tolice, só nos restando então acreditar que as pessoas de bem não mentem jamais.

Capítulo 12

Pode-se mentir para evitar um mal maior?

Mesmo que a questão tenha sido examinada e examinada dos dois lados, não podemos, no entanto, nos apressarmos para lhe dar uma decisão. Devemos ficar bem atentos àqueles que afirmam que não há um mal que não devamos deixar de cometer para evitar um mal maior e que o ser humano é responsável não apenas pelo que ele faz, mas também por tudo o que ele deixa ser feito com seu consentimento.

Se um cristão pôde ser autorizado a oferecer incenso aos seus ídolos, para evitar um atentado ao seu pudor que um perseguidor o ameaçava em caso de recusa, os partidários desta opinião se acreditam no direito de perguntar por que não se evitaria essa desonra ao preço de uma mentira?

Segundo eles, o consentimento que faria com que se achasse melhor sofrer esse ultraje do que oferecer incenso aos ídolos não seria uma coisa passiva, mas um ato e, para evitar esse ato, achou-se melhor sacrificar aos ídolos. Quão mais facilmente se mentiria, se uma mentira pudesse poupar de uma desonra tão terrível um corpo santificado?

Capítulo 13

A crítica desta opinião.

Então vejamos os pontos que devem ser examinados sobre esta questão. Esse consentimento pode ser considerado um ato? Há consentimento onde não há aprovação? É uma aprovação dizer: é melhor sofrer isto do que fazer aquilo? É melhor sacrificar aos ídolos do que sofrer um atentado ao pudor? É melhor mentir do que oferecer incenso aos ídolos, se for este o caso?

Ora, se um consentimento deste gênero deve ser considerado um ato, é preciso chamar de homicida ___ e mesmo, o que é mais grave ainda, suicida ___ aqueles que acharam melhor serem mortos do que prestarem um falso testemunho.

De fato, a estes, por que não se diria que eles se deram a morte, já que acharam melhor recebê-la do que fazer o que se exigia deles?

Ou então, se o homicídio parece mais doloso do que o suicídio, o que dizer do caso em que se propôs ao mártir prestar um falso testemunho sobre Cristo e imolar aos demônios, sob a ameaça de, se ele se recusasse, matar sob seus olhos, não o primeiro que aparecesse, mas seu pai, seu próprio pai, que lhe suplicou que não ocasionasse a morte, permanecendo em sua resolução? Não é evidente que, se ele permanecesse fiel em prestar testemunho à verdade, ele não seria um parricida, mas aqueles que tivessem matado seu pai mereceriam o qualificativo de homicidas?

Da mesma forma então, como esse mártir não participou em nada desse crime odioso, por ter achado melhor ver seu pai, mesmo culpado de sacrilégio, seu pai, cuja alma seria arrastada aos suplícios, por ter achado melhor, repito, vê-lo ser morto por outros do que ultrajar ele mesmo sua fé através de um falso testemunho, assim também o outro cristão seria inocente no atentado cometido contra ele, se ele se recusasse a fazer o mal, quaisquer que pudessem ser as consequências de sua resistência.

O que dizem, de fato, os perseguidores deste tipo, se não é: faça o mal para nos impedir de fazê-lo?

Quando isso fosse verdadeiro, não deveríamos lhes prestar esse favor, nos tornando culpados.

Mas, como eles fazem o mal, mesmo quando não têm este discurso, por que nós o teríamos? Por que eles não se dedicam sozinhos ao crime e à vergonha?

Não se pode falar aqui de consentimento, pois não aprovamos o que eles fazem, desejamos que eles não o façam e nós os impediríamos se pudéssemos. Não apenas não participamos de sua ação, como também a repelimos e a condenamos com todas as nossas forças.

Capítulo 14

Evitar a colaboração com o pecado.

Mas como, dirão, esse cristão não participa de uma ação que não seria cometida se ele cometesse outra?

Então somos cúmplices do arrombamento de uma porta, já que o arrombador não a arrebentaria se nós não a tivéssemos fechado; somos cúmplices de homicídio, se soubermos que ele vai acontecer e não matamos antes os bandidos, para impedi-los de cometê-lo; ou também, se uma pessoa nos confessa que vai cometer um parricídio, nós o cometemos com ele, se, não podendo fazer com que mude de ideia e não o impedindo por outro meio, nós não o matamos, quando podemos, antes que ele se torne culpado?

Poderíamos repetir exatamente nos mesmos termos: você é seu cúmplice, pois ele não teria feito aquilo se você tivesse feito isto.

Quanto a mim, eu gostaria que nenhuma dessas faltas fosse cometida, mas eu só posso evitar aquelas que dependem de minha vontade. Quanto às faltas alheias, se eu não posso impedi-las de outra forma, eu não sou obrigado a opor-lhes um obstáculo praticando uma má ação.

Não é aprovar o mal, não cometê-lo por alguém. Quem não aprova uma falta não gostaria que ela fosse cometida. Somente pelo poder que ele tem, ele não comete aquela que depende dele e, pela vontade somente, ele condena aquela que depende da vontade alheia.

Então, se diante desta proposição: “Você sofrerá tal tormento, se não oferecer incenso aos ídolos”, o mártir respondesse: “Eu não quero nem uma coisa e nem outra, pois detesto as duas e não concordo com nenhuma”, esta resposta, ou outra do gênero, estaria fundamentada na verdade e mostraria que não há nele nenhum consentimento, nenhuma aprovação e com qualquer tratamento que lhe infligisse seus perseguidores, ele seria visto como vítima e somente eles como culpados.

Ora, dirão, ele deveria se resignar a sofrer uma infâmia, invés de oferecer incenso aos ídolos?

Se você pergunta o que ele deve fazer, eu respondo: nem uma coisa e nem outra, pois, se eu dissesse que ele deve fazer uma das duas coisas, eu aprovaria essa coisa, enquanto que eu reprovava ambas.

Mas, se me for perguntado qual das duas ações ele deve evitar preferencialmente, no caso em que ele só pudesse evitar uma delas, eu respondo: ele deve evitar um pecado pessoal, mesmo leve, mais do que um pecado alheio, mesmo grave.

Vamos admitir então, sem um exame mais aprofundado, que cometer adultério seja um pecado maior do que sacrificar aos ídolos, sendo que este ato seria seu, enquanto que o primeiro seria de outro, mesmo que ele o sofra. Ora, o pecado recai sobre aquele que age.

De fato, mesmo que o homicídio seja mais grave do que o roubo, há mais mal em cometer um roubo do que em sofrer um homicídio. Desta forma, a pessoa colocada na alternativa de roubar ou deixar que se cometa contra ela um homicídio __ ou seja, se deixar matar __ deveria evitar cometer seu próprio pecado, invés do alheio. Este último não poderia lhe ser imputado, porque foi cometido contra ele e ele poderia tê-lo evitado, se ele mesmo cometesse um pecado.

Capítulo 15

Mentir para evitar a profanação do corpo.

Todo o nó da questão se reduz então em perguntar se podem lhe imputar um pecado alheio, mesmo que cometido contra você e que você podia ter evitado, se cometesse uma falta mais leve, mas que não quis fazê-lo, ou se é preciso fazer uma exceção para uma mácula corporal.

Ninguém considera uma pessoa maculada por ter sido morta, jogada na prisão, acorrentada, flagelada ou afligida por dores e torturas de todo tipo, nem por ter sido proscrita, por ter sofrido perdas muito graves até à extrema indignidade, por ter sido privada das honras ou coberta com as mais sangrentas afrontas e injúrias de toda espécie. Não, ninguém será tão insensato a ponto de chamar de imundo quem sofreu tudo isso.

Mas, se essa pessoa for coberta com estrume ou se lhe for introduzido à força imundícies na boca ou se for desonrada como se desonra uma mulher, isso inspira um horror quase universal e essa pessoa é considerada imunda e manchada pela ignomínia.

Daí, é preciso concluir que, quaisquer que sejam os pecados cometidos pelos outros, não se deve impedi-los pecando pessoalmente, exceto aqueles que fazem imundo quem os sofre, quer se trate de si mesmo ou de outros, mas se deve suportá-los com re-

signação e coragem e não preveni-los com nenhuma espécie de pecado, nem mesmo uma mentira.

Pelo contrário, aqueles cometidos contra o homem e que o fazem imundo, devem ser evitados, mesmo ao preço do pecado, que, afinal, não pode ser chamado de pecado, já que ele tem por objetivo impedir tais sujeiras, pois tudo o que seria censurado por não se fazer deixa de ser pecado.

Dáí resulta que a mácula em questão nem mesmo deve ser chamada assim, quando não se pode absolutamente evitá-la, pois aquele que a sofre tem ainda alguma coisa de bom para fazer: é suportar com paciência o que não pode ser evitado.

Jamais uma mácula corpórea tornará imundo aquele que faz o bem, pois toda pessoa injusta é imunda perante o Senhor. Portanto, toda pessoa justa é pura, senão perante a humanidade, pelo menos perante Deus, que é um juiz infalível.

Por consequência, a pessoa não é manchada pelo contato corpóreo, mesmo quando ela podia evitá-lo. O que a mancharia seria o pecado que ela cometeria para evitar esse contato, mas que ela não quis cometer, pois tudo o que ela poderia fazer para escapar dessa mácula, não teria sido pecado. Portanto, quem mente com esse objetivo, não peca.

Capítulo 16

É ilícita toda mentira que prejudica alguém.

Devemos ainda excetuar algumas mentiras que não se deve proferir, mesmo sob o risco de sofrer essas violências? Sendo assim, não se pode dizer que nada do que se faz para evitar essas manchas é pecado, já que haveria algumas mentiras que não se pode proferir sem se tornar mais culpado do que sofrendo os ultrajes em questão.

De fato, se uma pessoa está sendo procurada para sofrer um atentado ao pudor e é possível protegê-la com a ajuda de uma mentira, quem ousará afirmar que não se deve pronunciar essa mentira?

Mas, se essa pessoa só pode escapar ao custo de uma mentira que fira a reputação de outra, como ao acusar falsamente uma terceira, do gênero de impureza que se quer praticar contra a primeira; por exemplo, citando uma pessoa casta e avessa a toda espécie de crime do gênero e dizendo: “Procure-a e ela lhe propiciará algo melhor para satisfazer sua paixão, pois ela conhece essas coisas e gosta disso”. Desta forma, seria poupada a primeira pessoa procurada e eu não sei se seria permitido ferir desta forma, com uma mentira, a reputação de uma pessoa, para salvar do ultraje o corpo de outra.

Jamais se deve mentir em favor de alguém, quando é em detrimento de um terceiro, mesmo que o dano causado pela mentira seja menor do que aquele que se previne ao mentir.

Não se pode tomar à força o pão de uma pessoa mais vigorosa para dá-lo a uma mais fraca e nem chicotear um inocente, para evitar a morte de um outro.

Seria diferente se eles consentissem com isso. Neste caso, não seria praticada uma injúria.

Mas, é permitido evitar um atentado ao pudor do corpo de uma pessoa, acusando falsamente outra do mesmo crime, mesmo com seu consentimento?

Esta é uma questão muito grave e eu não sei se seria fácil provar que é mais justo acusar falsamente de um crime desses, aquele que consente em sofrer uma calúnia dessas, do que fazer sofrer essa desonra o corpo de uma pessoa que não consente com isso.

Capítulo 17

Jamais se deve mentir em matéria de religião.

No entanto, se propusessem àquele que achou melhor oferecer incenso aos ídolos do que ser desonrado em seu corpo, se lhe propusessem, repito, para se livrar da desonra, que proferisse uma

mentira injuriosa à memória de Cristo, ele seria a mais insensata das pessoas se consentisse com isso.

Eu digo mais: essa pessoa seria mais insensata ainda se, para se livrar da infame paixão de alguém, para evitar um ultraje absolutamente independente de sua vontade, ele alterasse o Evangelho com falsos elogios a Cristo, demonstrando maior preocupação em evitar um atentado ao seu corpo, em não corrompê-lo, do que em respeitar a doutrina que santifica as almas e os corpos.

É preciso então afastar absolutamente toda espécie de mentira ao ensinamento da religião, a todas as explicações, a todos os enunciados ligados a ela, quando se trabalha na instrução dos outros ou à sua própria.

É impossível imaginar um motivo que justifique a mentira em tal caso. Não é possível nem mesmo com o objetivo de atrair alguém mais facilmente para essa doutrina.

De fato, assim que a verdade é destruída, ou mesmo ligeiramente atingida, tudo cai na incerteza, pois não se pode acreditar que seja verdadeiro aquilo que não se tem como certo.

É permitido então, àquele que disserta ou discute as verdades eternas e àquele que as prega, àquele que conta ou explica acontecimentos temporais que são importantes para a edificação religiosa e a santidade, é permitido, repito, se calar nessa ocasião sobre tudo o que ele acredita dever passar em silêncio. Mas jamais

ele pode mentir e, por consequência, esconder algo com uma mentira.

Capítulo 18

É preciso evitar as mentiras que prejudicam alguém ou a si mesmo. Diferença entre a pessoa que mente e o mentiroso.

Uma vez estabelecido solidamente este ponto, procede-se com mais segurança ao estudo das outras espécies de mentira.

Mas, já se vê claramente que é preciso proibir tudo aquilo que fere alguém injustamente, pois não se deve cometer contra ninguém um erro, mesmo leve, para evitar um mais grave a terceiros.

Não se pode também permitir as mentiras que não prejudicam o próximo, não beneficiam ninguém, mas fazem mal àquele que as proferem. Isto é o que se chama propriamente de ser mentiroso, pois há uma diferença entre aquele que mente e o mentiroso.

O mentiroso eventual é aquele que mente contra sua vontade, mas o mentiroso ama mentir e se regozija interiormente com o prazer de mentir.

Há também aqueles que mentem por prazer, não com o objetivo de cometer um erro ou uma injúria a alguém (nós já afastamos esta categoria), mas para lhe dar seu consentimento nas conversas. A diferença que há entre esses mentirosos e aqueles que

mencionamos há pouco é que os primeiros sentem prazer em mentir e experimentam um regozijo em enganar, enquanto que estes só procuram a aprovação em suas conversas e até mesmo prefeririam a verdade, mas, na falta de verdades que possam encantar os ouvintes, eles acham melhor mentir do que se manter em silêncio. No entanto, como é difícil basear toda uma história em mentiras, eles misturam o verdadeiro com o falso, assim que o interesse pela história diminui.

Estas duas espécies de mentiras não fazem mal àqueles que as escutam, porque não se trata do ensinamento da religião e da verdade e nem de nada que toca em suas vantagens ou interesses. Os ouvintes simplesmente acreditam no que é contado e dão fé a uma pessoa que não julgam capaz de mentir indiscriminadamente.

De fato, que mal há em acreditar que o pai ou o avô de alguém, é uma pessoa de bem sem nunca ter sido e que alguém, como soldado, foi até à Pérsia, quando nunca saiu de Roma?

Mas estas mentiras são muito nocivas àqueles que as contam. A uns, porque abandonam a verdade para se comprazerem com a mentira. A outros, porque preferem agradar a permanecer na verdade.

Capítulo 19

A mentira benéfica.

Depois de ter condenado sem hesitação estas espécies de mentiras, passamos a outra que parece como que um progresso rumo ao bem. Trata-se daquela que se atribui geralmente a um sentimento de benevolência e de bondade, quando aquele que mente, não apenas não prejudica ninguém, como até mesmo presta um favor a alguém. Aqui toda a questão se reduz a saber se é cometer um erro contra si mesmo, fazer um favor a alguém em detrimento da verdade.

Como a palavra verdade só convém àquilo que ilumina os intelectos com sua luz interior e imutável, o mentiroso, no entanto, que examinamos aqui, age pelo menos contra uma certa verdade, pois mesmo que os sentidos corpóreos estejam sujeitos à decepção, é ir contra a verdade dizer que uma determinada coisa é assim ou não é assim, quando nem o intelecto, nem os sentidos, nem a imaginação e nem a fé dizem isso.

Aquele que presta um favor a alguém desta maneira, não prejudica a si mesmo ou o favor prestado compensa esse erro cometido? Esta é uma questão grave.

Se for assim, é preciso dizer que se deve prestar um favor a si mesmo, dizendo uma mentira que não prejudica ninguém. Mas

estas concessões se encadeiam mutuamente e as concessões levam a consequências que terminam em um grande problema.

De fato, se perguntarmos que dano experimentaria uma pessoa extremamente rica, com a perda de um barril de trigo retirado dentre milhares e milhares de outros, quando esse barril pode salvar a vida daquele que rouba, chegaríamos à conclusão que se pode roubar sem dolo e prestar um falso testemunho sem pecar.

Ora, que erro mais criminoso é este?!

Mas, se alguém tivesse roubado esse trigo e você tivesse testemunhado. Se o questionassem, seria permitido a você mentir?

Você poderia mentir honradamente para salvar um pobre, enquanto que, se você roubasse para matar sua fome, você seria culpado?

Você é obrigado a amar mais ao próximo do que a você mesmo?

Portanto, nos dois casos a mentira é dolosa e é preciso evitá-la.

Capítulo 20

Existem mentiras honestas?

Talvez seja possível aqui uma exceção: as mentiras úteis a alguém e que não prejudicam ninguém seriam permitidas, mas não aquelas que se diz para esconder ou justificar um crime.

Por exemplo, uma mentira que, sem prejudicar ninguém, seria útil a um pobre, mas dissimularia um roubo seria dolosa, mas se, sem prejudicar ninguém, prestasse um favor a um pobre e não esconderia e nem justificaria um roubo, não o seria.

Assim, alguém que escondesse seu dinheiro diante de você, com medo que ele fosse furtado ou roubado. Se você for interrogado e mentir, evidentemente você não prejudicou ninguém, prestou um favor ao proprietário a quem o segredo era necessário e você não dissimulou nenhum pecado com sua mentira, pois não é pecado esconder seu bem, quando se teme perdê-lo.

Mas, se não se peca ao mentir, quando não se esconde nenhuma falta, que não se prejudica ninguém e quando se presta um favor a alguém, o que diremos do próprio pecado da mentira? Pois, no lugar onde nos dizem: *Não furtarás*, nos dizem também: *Não levantarás falso testemunho contra teu próximo*²³.

Como a proibição é aplicada a um e a outro separadamente, porque o falso testemunho é doloso quando encobre o roubo e qualquer outro pecado e não vai deixar de sê-lo quando se faz por si mesmo, sem ocultar outros pecados, já que o furto é condenável propriamente, como os demais pecados?

Seria então ilícito ocultar um pecado, mas lícito cometê-lo?

²³ Êxodo 20: 15 e 16.

Capítulo 21

A mentira e o falso testemunho.

Mas, se isso é absurdo, o que diremos? Só haverá falso testemunho quando se mente para caluniar alguém, ou para dissimular sua falta, ou para processá-lo perante os tribunais? Pois parece que o juiz precisa de testemunhas para conhecer uma causa.

Mas, se as Escrituras só entendessem neste sentido a palavra testemunho, o Apóstolo não teria dito: *Seríamos convencidos de ser falsas testemunhas de Deus, por termos dado testemunho contra Deus, afirmando que ele ressuscitou a Cristo, ao qual não ressuscitou (se os mortos não ressuscitam)*²⁴. Com isto, ele mostrou que a mentira é um falso testemunho mesmo quando é dita para louvar falsamente alguém.

O falso testemunho consistiria em mentir para caluniar alguém ou para dissimular uma falta ou para causar um dano qualquer?

Mas, se a mentira que visa retirar de alguém a vida temporal é detestável, quanto mais não seria aquela que causa um atentado à vida eterna? Esta é a mentira relacionada ao ensinamento religioso.

²⁴ 1 Coríntios 15: 15.

É por isso que o Apóstolo qualifica de falso testemunho uma mentira relacionada a Cristo, embora proferida sob a aparência de um elogio.

Mas, se há uma mentira que não seja caluniosa, que não acoberta um pecado, que não seja dita sob a requisição de um juiz, que serve a alguém sem prejudicar ninguém, devemos dizer que isto não é um falso testemunho e nem uma mentira censurável?

Capítulo 22

Mente-se ao ocultar um homicida ou um inocente acusado de um crime.

Pois então, se um homicida procura asilo na casa de um cristão ou se este souber o lugar de seu esconderijo e for interrogado por aquele que procura o assassino para levá-lo ao suplício; ele deverá mentir? A mentira então não acobertará um pecado, já que aquele por quem se mente cometeu um crime horrível?

Pode-se dizer que não se está informando o pecado, mas somente o esconderijo do culpado? Então seria um mal esconder um pecado e não esconder um pecador?

Sim, sem dúvida, podem responder, pois não é evitando o suplício, mas merecendo-o, que se torna culpado. Ora, é um ponto da doutrina que não se deve desesperar pela conversão de ninguém e nem fechá-la a quem quer que seja.

Seja, mas se você for conduzido perante o juiz e ele lhe perguntar onde o culpado está escondido, o que você dirá: que ele não está onde você sabe que ele está? Você dirá que não sabe de nada e não o viu, quando você sabe e o viu?

Você prestará um falso testemunho e matará sua alma para livrar um homicida da morte? Ou você mentirá até que seja levado perante o juiz e dirá então a verdade, quando ele o interrogar, para não prestar um falso testemunho? Você então matará uma pessoa, informando seu refúgio.

Ora, as Escrituras consideram detestável o traidor. Não seria um traidor aquele que responde corretamente as perguntas de um juiz e o seria quando denuncia voluntariamente um criminoso condenado à morte?

Mas, se você conhecesse o esconderijo de um inocente condenado à morte por uma autoridade superior e se for condenado por um juiz que não fez a lei, mas que é encarregado de executá-la, a mentira que você disser em favor desse inocente deixará de ser um falso testemunho, porque aquele que o interroga não é o verdadeiro juiz, mas o simples executor do julgamento?

E se for o próprio autor da lei que interroga ou qualquer outro juiz iníquo que deseja executar um inocente? O que você fará? Prestará falso testemunho ou trairá?

Aquele que denuncia voluntariamente a um juiz o esconderijo de um homicida é um traidor e aquele que, interrogado por um juiz injusto, informa o abrigo de um inocente que querem matar e que confiou em sua discrição, não é?

Você balançará, hesitará entre o crime de falso testemunho e o de traição? Você evitará decididamente um e outro, mantendo silêncio ou declarando que não dirá nada?

Por que então não fazê-lo antes de comparecer perante o juiz e evitar assim a mentira? Ao evitar a mentira, você evitará também o falso testemunho, seja porque toda mentira é um falso testemunho ou não. Mas, ao evitar falso testemunho, tal como você o entende, você não evitará toda mentira.

Com muito mais força e virtude você dirá então: não trairei e não mentirei!

Capítulo 23

O exemplo do Bispo de Tagaste, Firmo.

Foi o que fez um dia o Bispo de Tagaste, Firmo, que era *firme* pelo nome e muito mais pela vontade.

Como oficiais de justiça enviados pelo imperador procuraram com ele um homem que lhe tinha pedido asilo e que ele escondeu com o maior cuidado, ele respondeu que não podia mentir e nem trair ninguém e os numerosos tormentos a que o submete-

ram (os imperadores não eram ainda cristãos) não abalaram sua resolução.

Conduzido perante o imperador, ele se mostrou tão admirável que obteve sem dificuldade o perdão de seu protegido. É possível empregar uma força e uma firmeza maiores do que esta?!

Mas, alguém mais tímido pode dizer: posso estar prestes a sofrer todos os tormentos, a própria morte, para evitar o pecado, mas, como não é pecado mentir sem prejudicar ninguém, sem prestar falso testemunho contra ninguém e quando se é útil a alguém, seria um ato de loucura e um grande pecado se expor aos tormentos com alegria no coração e, sem razão, entregar em perdição, à fúria dos carrascos, uma saúde, uma vida que podem ser úteis.

E eu pergunto, a esse cristão, por que ele teme o que está escrito: *Não prestarás falso testemunho*²⁵ e não teme o que o Salmista disse a Deus: *Fazeis perecer aqueles que mentem, ó Senhor*²⁶?

Não *toda* espécie de mentira, ele dirá. Isto não está escrito, mas eu entendo o texto como se estivesse escrito: “Fazeis perecer *todos* aqueles que prestam um falso testemunho”. Sendo que aqui também não está escrito *toda* espécie de falso testemunho.

²⁵ Êxodo 20: 16.

²⁶ Salmo 5 : 7.

Seja, pode-se replicar, mas este pecado está incluído dentre aqueles que são maus em todo sentido.

E quanto ao que está escrito: *Não matarás*²⁷? Se matar é um mal absoluto, como desculpar os justos que, mesmo após a promulgação da Lei, mataram muita gente?

Responde-se que, aquele que executa uma ordem justa não é um homicida.

Eu compreendo então esse medo, mas também reconheço que esse virtuoso bispo, ao não querer mentir e nem trair uma pessoa, compreendeu melhor os textos __ em minha opinião __ e conformou a eles corajosamente sua conduta.

Capítulo 24

Como responder a quem perguntar onde está escondido um fugitivo.

Mas, se for a hipótese em que não nos perguntam em que lugar está aquele que é procurado para ser morto e que não somos obrigados a trair, se ele está tão bem escondido que não pode ser facilmente descoberto, mas sim nos perguntam se ele está lá ou não.

Se sabemos que ele está lá, nós o traímos mantendo silêncio ou respondendo que não diremos nem sim e nem não, pois se con-

²⁷ Êxodo 20 : 13.

cluírá que ele está lá, já que, se ele não estivesse lá, bastaria, para não mentir e nem trair, responder que ele não está lá. Assim, nosso silêncio ou nossa resposta evasiva o trai, já que aquele que o procura entrará, se ele puder e o descobrirá, enquanto que uma mentira de nossa parte poderia impedir, afastar esse resultado.

Por consequência, se você não sabe onde ele está, você não tem nenhum motivo para esconder a verdade e você deve simplesmente confessar sua ignorância. Mas, se você sabe onde ele está, seja num lugar ou noutra, diante desta pergunta: “Ele está lá ou não?”, você não deve responder: “Não respondo à sua pergunta”, mas sim, “Eu sei onde ele está, mas não direi jamais”.

Se informam um lugar e você se contenta em responder que não dirá nada, é como se você mostrasse o lugar com o dedo, já que você faz nascer a suspeita de que se está bem próximo da certeza.

Mas, se você começa por admitir que sabe o lugar e não quer dizer, talvez haja a chance de mudar, de afastar as buscas e as violências para obrigar a trair aquele que é procurado.

Neste caso, não somente você não merecerá críticas, como será digno de elogios, embora você possa sofrer generosamente, por fidelidade e por humanidade, exceto os vergonhosos ultrajes que não supõem a força, mas a impudicícia naquele que os so-

frem. E esta é a última espécie de mentiras que devemos examinar com mais atenção.

Capítulo 25

Oito espécies de mentiras.

A primeira espécie, a espécie capital, aquela que é preciso evitar e fugir acima de tudo, é a mentira em matéria de ensinamento religioso. Em nenhuma hipótese ela deve ser usada.

A segunda é aquela que fere injustamente, que prejudica alguém sem servir a ninguém.

A terceira serve a alguém, mas prejudica a outro e não impede a mácula do corpo.

A quarta não tem outro objetivo que não seja dizer uma falsidade e enganar. É a mentira pura e simples.

A quinta busca agradar e procura a aprovação no discurso.

Após estas cinco que é preciso evitar absolutamente e condenar, vem a sexta. É a mentira que serve a alguém e não prejudica ninguém. Como, por exemplo, quando alguém, sabendo o lugar onde está escondida uma soma que se pretende pegar injustamente, responde a quem pergunta que não sabe de nada.

A sétima não prejudica ninguém e beneficia alguém, com a diferença de que se é interrogado por um juiz. Como, por exemplo, se se mente para não trair uma pessoa condenada à morte.

Não somente uma pessoa justa e inocente mas também um criminoso, pela razão de que é um ponto da doutrina cristã que não se deve desesperar pela salvação de ninguém e nem fechar a ninguém a via do arrependimento.

Tratamos mais extensamente destas últimas duas espécies, que fornecem matéria para grandes controvérsias e dissemos o que pensamos delas, com o objetivo de encorajar os fortes, os fiéis, os homens e mulheres amigos da verdade a evitá-las e a suportar com generosidade e coragem todos os inconvenientes que podem resultar dessa decisão.

A oitava espécie é a mentira que não prejudica ninguém e serve para afastar de alguém uma mácula corporal, mas somente aquela que indicamos acima.

Ainda que os judeus vissem como uma mácula comer sem lavar as mãos²⁸, ou que se queira ver nisso uma mácula, não é sobre esta, no entanto, que se deve mentir para evitar.

Mas, se a mentira é de natureza a provocar um dano em alguém, ainda que a mentira preserve a pessoa dessa mácula que todos detestam e evitam, ou seja, se se pode mentir quando se trata de uma injúria efetiva, ainda que não pertença a essa classe de mácula que mencionamos, isto é um outro caso, pois então não se trata mais de mentira, mas de saber se é permitido, mesmo in-

²⁸ Cf. Mateus 15: 2 e 20.

dependente de qualquer mentira, provocar um dano a alguém para afastar de um terceiro esse tipo de ignomínia.

Eu não creio, de forma alguma, mesmo quando se trate de danos pouco consideráveis, como o roubo de um barril de trigo, como o que já mencionamos e embora seja muito embaraçoso decidir se não deveríamos causar um dano desse tipo, no caso em que seria possível isentar a esse custo de um odioso atentado a-quele que estivesse ameaçado por ele. Mas, repito, esta é outra questão.

Retornemos agora ao ponto que queremos abordar, ou seja: se se deve mentir, quando a mentira é a condição indispensável para nos salvar de um atentado contra o pudor ou de alguma outra sujeira terrível, quando essa mentira não prejudicará ninguém.

Capítulo 26

Testemunhos divinos que proibem a mentira.

Uma primeira maneira de esclarecer a questão é examinar com cuidado os textos divinos que proibem a mentira. Se eles nos fecharam toda saída, é em vão que procuraremos uma, pois é preciso, a todo custo, observar o mandamento divino e aceitar com coragem a vontade de Deus, com todas as consequências desagradáveis que podem resultar de nossa fidelidade.

Se, pelo contrário, encontrarmos um meio de justificar a mentira em um suposto caso, não precisamos evitá-la. É por isso que as Santas Escrituras não contém somente os mandamentos de Deus, mas também a vida e os costumes dos justos, pelos quais podemos interpretar o que poderia haver de obscuro nos mandamentos do Senhor.

Precisamos, no entanto, excetuar todos os fatos, aliás certos e inquestionáveis, que são suscetíveis de um sentido alegórico, como são quase todos os fatos relatados nos livros do Antigo Testamento, pois quem ousaria afirmar que há ali alguma coisa que não tenha um sentido figurado?

Quando o Apóstolo, por exemplo, afirma que os dois filhos de Abraão, que nos parecem, numa primeira abordagem, nascidos simplesmente e de acordo com a ordem natural, para formar um povo (pois, enfim, não houve em seu nascimento nada de extraordinário, nada de prodigioso, que forçasse a ver ali um símbolo), quando o Apóstolo afirma, repito, que eles representam os dois testamentos²⁹, quando ele nos diz que o maravilhoso benefício concedido por Deus ao povo de Israel, quando o tirou da odiosa servidão do Egito, bem como a vingança que ele exerceu sobre ele, durante a viagem, por causa dos infiéis, quando o Apóstolo

²⁹ Cf. Gálatas 4: 22-26.

nos diz que tudo isso aconteceu em sentido figurado³⁰, podemos encontrar um só fato que contradiga esta regra e possamos ousar dizer que ele não apresenta nenhum sentido figurado?

Mas, estes fatos à parte, estudemos no Novo Testamento as ações dos santos, que nos são, evidentemente, propostas como modelos de conduta e busquemos nele a explicação da carta dos mandamentos.

Capítulo 27

A outra face.

Assim, quando lemos no Evangelho: *Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra*³¹, não encontraremos um exemplo mais perfeito e mais poderoso de paciência do que o do próprio Senhor.

No entanto, quando ele recebeu uma bofetada ele não disse: “Eis aqui a outra face”, mas sim, *“Se falei mal, prova-o, mas se falei bem, por que me bates?”*³² Com isto ele mostrou que é no coração que deve estar a disposição para oferecer a outra face.

O apóstolo Paulo sabia muito bem isto, pois, esbofeteado em presença do pontífice, ele não disse: “Esbofeteie a outra também”, mas: *Deus te ferirá também a ti, hipócrita! Tu estás aí as-*

³⁰ Cf. 1 Coríntios 10: 1-11.

³¹ Mateus 5 : 39.

³² João 18 : 23.

*sentado para julgar-me segundo a lei e, contra a lei, mandas que eu seja ferido?*³³ Vendo, com um olhar penetrante, que o sacerdote dos judeus possuía apenas uma falsa aparência e que, no fundo, era desonrado por cobiças imundas, ao pronunciar estas palavras ele previu, em espírito, que a vingança do Senhor ia colocar um fim naquilo. No entanto, ele tinha o coração, não apenas disposto a receber as bofetadas, mas a suportar todo tipo de tormentos pela verdade, sem nada perder de sua terna afeição por seus perseguidores.

Capítulo 28

Evitar o juramento.

Também está escrito: *Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum*³⁴. No entanto, o Apóstolo jurou em suas cartas³⁵. Com isso ele nos mostra em que sentido é preciso entender estas palavras: *Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum*. É que o Senhor teme que se desenvolva a facilidade em jurar e da facilidade se passe ao hábito e do hábito se caia no perjúrio.

Assim, só vemos o Apóstolo jurando por escrito, quando a reflexão mais amadurecida modera a precipitação da língua, já que isto procede do mal, segundo o que está escrito: *Tudo o que*

³³ Atos 23: 3.

³⁴ Mateus 5: 34.

³⁵ Romanos 9: 1, Filipenses 1: 8 e Gálatas 1: 20.

*passa além disto vem do Maligno*³⁶. Um mal que não vinha de Paulo, certamente, mas dos fracos com os quais ele empregava esta linguagem para dar fé à sua palavra.

Não sei se é possível encontrar nas Escrituras um único caso em que ele tenha jurado de viva voz e não por escrito. No entanto, o Senhor diz: *não jureis de modo algum*, não abrindo exceção nem para o juramento por escrito. Mas, como seria um crime acusar Paulo de ter violado um só mandamento, sobretudo nas cartas escritas e publicadas para o bem espiritual e a salvação dos povos, precisamos então entender que a expressão *de modo algum*, significa que não devemos desejar, não devemos amar, não devemos ter prazer com o juramento, como se ele fosse um bem.

Capítulo 29

Não se preocupar com o amanhã.

O mesmo acontece com estes trechos: *Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã*³⁷ e *Não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis*³⁸.

Vemos que o próprio Senhor tinha uma bolsa onde era guardado o que davam a ele, para ser utilizado de acordo com as necessidades³⁹.

³⁶ Mateus 5: 37.

³⁷ Mateus 6: 34.

³⁸ Mateus 6: 25.

Lemos que os apóstolos se proviam com recursos abundantes para aliviar a pobreza de seus irmãos e não somente pensavam no dia de amanhã como tomavam precauções diante da previsão de um longo período de fome, como está descrito nos Atos dos Apóstolos.

Podemos, evidentemente, concluir que as proibições do Senhor devem ser entendidas no sentido de que, em todas as nossas ações, não devemos agir como que sob a pressão das necessidades, seja pelo desejo de acumular bens temporais, seja pelo medo da pobreza.

Capítulo 30

O apóstolo deve tirar o sustento da evangelização.

O Senhor também recomendou aos apóstolos que não levassem nada em viagem e que vivessem da evangelização⁴⁰ e, em outro lugar, ele indicou o sentido destas palavras, acrescentando: *O operário merece o seu sustento*⁴¹.

Ele deixa bem claro que isto é uma permissão que ele dá e não uma ordem, para que o pregador da palavra saiba bem que ele não faz nada de ilícito quando recebe, daqueles para os quais ele prega, as coisas necessárias à vida.

³⁹ Cf. João 12 : 6.

⁴⁰ Cf. Lucas 10 : 4.

⁴¹ Mateus 10 : 10.

Mas, para que se possa ver que há mais mérito em não fazê-lo, Paulo nos ensina suficientemente quando, após ter dito: *Aquele que recebe a catequese da palavra, reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui*⁴² e repetido em vários lugares que isto era um louvável costume daqueles para os quais ele pregava, ele acrescenta: *Entretanto, não temos feito uso deste direito*⁴³.

Isto foi, portanto, um direito concedido pelo Senhor e não uma ordem estrita que ele deu.

Desta forma, muito frequentemente, quando não entendemos o sentido das palavras, devemos recorrer aos exemplos dos santos, para compreender o que poderia facilmente, sem isso, ser interpretado de outra maneira.

Capítulo 31

A boca do coração.

Pergunta-se que boca é esta mencionada no texto: *A boca que mente mata a alma*⁴⁴.

Comumente, com a palavra *boca* as Escrituras querem dizer o próprio fundo do coração, onde é concebido e se forma tudo o que é enunciado pela palavra, quando dizemos a verdade, de sorte que, aquele que gosta de mentir, mente em seu coração, diferen-

⁴² Gálatas 6: 6.

⁴³ 1 Coríntios 9 : 12.

⁴⁴ Sabedoria 1: 11. *Os autem quod mentitur occidit animam.*

temente daquele que, para evitar um mal maior, diz algo diferente do que pensa, mesmo sentindo que peca e o desaprovando, bem como o mal que ele quer impedir e aquele que ele comete.

Os adeptos desta interpretação afirmam que é preciso entender neste sentido as palavras do Salmista: *Aquele que diz a verdade em seu coração*⁴⁵, porque é preciso sempre dizer a verdade em seu coração, mas nem sempre com a boca do corpo, se, para evitar um mal maior, é preciso dizer algo diferente do que se pensa.

Ora, que há uma boca no coração, podemos concluir do fato de que o verbo *falar* pressupõe uma boca e que, por consequência, não se poderia racionalmente dizer: *Aquele que diz a verdade em seu coração*, se não houvesse uma boca no coração.

Por fim, na própria passagem onde está escrito: *A boca que mente mata a alma*, se prestarmos atenção ao contexto, não poderemos pressupor outra boca. De fato, uma palavra é secreta quando ela escapa às pessoas que só ouvem a boca do coração pela extremidade da boca do corpo. Ora, aqui a Escritura fala de uma boca que chega aos ouvidos do Espírito do Senhor, que preenche o universo. Mesmo que se esteja referindo ao mesmo tempo aos lábios, à voz e à língua, no entanto, o sentido não permite aplicar estas expressões a outra boca que não seja a do coração, já que é

⁴⁵ Salmo 14 : 3. *Qui loquitur veritatem in corde suo.*

dito que ela não escapa do Senhor, enquanto que a boca cujo som atinge os ouvidos, não escapa nem mesmo do ser humano.

Desta forma, o texto: A Sabedoria é um espírito que ama os homens, mas não deixará sem castigo o blasfemador pelo crime de seus lábios, porque Deus lhe sonda os rins, penetra até o fundo de seu coração e ouve as suas palavras. Com efeito, o Espírito do Senhor enche o universo e ele, que tem unidas todas as coisas, ouve toda voz. Aquele que profere uma linguagem iníqua, não pode fugir dele e a Justiça vingadora não o deixará escapar, pois os próprios desígnios do ímpio serão cuidadosamente examinados, o som de suas palavras chegará até o Senhor, que lhe imporá o castigo pelos seus pecados. É, com efeito, um ouvido cioso, que tudo ouve e nem a menor murmuração lhe passa despercebida. Acautelai-vos, pois, de queixar-vos inutilmente, evitai que vossa língua se entregue à crítica, porque até mesmo uma palavra secreta não ficará sem castigo e a boca que mente mata a alma⁴⁶.

Vemos então que estas ameaças são dirigidas àqueles que acreditam que os pensamentos e os projetos de seus corações são ocultos e secretos. O escritor quer tanto mostrar que tudo isso está perfeitamente claro aos ouvidos de Deus, que ele até mesmo emprega a expressão *nem a menor murmuração lhe passa despercebida*.

⁴⁶ Sabedoria 1: 6-11.

Capítulo 32

A boca do coração, segundo o Evangelho.

Encontramos também a boca do coração mencionada, nestes mesmos termos, no Evangelho, no trecho em que o Senhor se refere, na mesma passagem, à boca do corpo e à do coração, quando ele diz: *Sois também vós de tão pouca compreensão? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca vai ao ventre e depois é lançado num lugar secreto? Ao contrário, aquilo que sai da boca provém do coração e é isso o que mancha o homem. Porque é do coração que provêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as impurezas, os furtos, os falsos testemunhos, as calúnias. Eis o que mancha o homem. Comer, porém, sem ter lavado as mãos, isso não mancha o homem*⁴⁷.

Se por boca entendermos aqui somente a boca do corpo, como explicar então estas palavras: *aquilo que sai da boca provém do coração*, já que o cuspe e o vômito também saem da boca? A não ser, talvez, que a pessoa se contamine comendo algo imundo e se suje ao vomitar.

Se isto é um grande absurdo, é preciso admitir, necessariamente, que o Senhor está falando da boca do coração, quando diz: *aquilo que sai da boca provém do coração*.

⁴⁷ Mateus 16: 16-20.

De fato, o roubo pode ser cometido ___ e geralmente é cometido ___ no silêncio da voz e da boca do corpo. Seria o cúmulo da tolice imaginar que um ladrão se manche quando confessa ou trai seu roubo e permanece puro quando o comete em silêncio.

Mas, se estas palavras se referem realmente à boca do coração, nenhum pecado pode ser cometido em segredo, já que não há nenhum que seja cometido sem ter saído dessa boca interior.

Capítulo 33

Abster-se das murmurações.

Como se pergunta de que boca o texto fala, quando ele diz: *a boca que mente mata a alma*, pode-se perguntar de que mentiras ele fala.

Ele parece, de fato, designar propriamente a mentira que provoca um dano ao próximo, já que ele diz: *Acautelai-vos, pois, de queixar-vos inutilmente, evitai que vossa língua se entregue à crítica.*

Ora, a crítica tem por princípio a maledicência, quando não se contenta em proferir com a boca e a voz do corpo a invenção forjada contra alguém, mas deseja secretamente que o próximo seja visto tal como foi dito. Esta é bem a crítica saída da boca do coração, que, segundo o texto, não pode escapar de Deus.

Capítulo 35

Não desejar proferir nenhuma mentira.

Sobre o que está escrito em outro lugar: *Não queira proferir mentira alguma*⁴⁸, alguns dizem que isto não significa que não se deva mentir de forma alguma.

Outros afirmam que este texto das Escrituras proíbe em geral toda espécie de mentira, a um nível tal que somente a vontade de mentir já é condenável, mesmo que ela não seja transformada em ato. É por isso que o texto não diz: “Não profira nenhuma mentira”, mas sim, *Não queira proferir mentira alguma*. De sorte que ninguém deve se permitir, não somente mentir, mas até mesmo ter a intenção de mentir.

Outros dizem: “Não tenha jamais a vontade de proferir qualquer espécie de mentira”. Isto significa que é preciso banir e repelir da boca do coração toda espécie de mentira, ou seja, que há certas mentiras que devem ser proibidas à boca do corpo, sobretudo aquelas que se referem à doutrina religiosa e que há outras que não devem ser proibidas à boca do corpo, sobretudo quando elas são necessárias para evitar um mal maior, mas que todas devem ser proibidas absolutamente à boca do coração.

⁴⁸ Eclesiástico 7: 14. *Noli velle mentiri omne mendacium.*

Seria este o sentido das palavras: “Não tenha jamais a vontade”, pois a vontade é, por assim dizer, a boca do coração e essa boca não participa da mentira que pronunciamos, mesmo quando não queremos, para evitar um mal maior.

Há ainda uma terceira interpretação, segundo a qual as palavras “qualquer espécie” deixariam, salvo exceções, a permissão de mentir. Seria como se fosse dito: “Não confie em *qualquer* pessoa”. Isto não quer dizer que não se deva confiar em ninguém, mas que não se deve confiar em todo mundo, ou seja, somente em alguns.

A sequência do texto: *o costume de mentir é coisa má*, condenaria não somente a mentira, mas a mentira frequente, ou seja, o hábito e o gosto pela mentira, pois é aí que chegaria a pessoa que levasse o abuso até o ponto de se permitir toda espécie de mentira (e ela não se absteria nem no tocante à religião e à santidade, o que não apenas é a mais odiosa das mentiras, como o mais detestável dos pecados), ou até a curvar sua vontade à toda espécie de mentira, mesmo às fáceis, mesmo às inocentes. Essa pessoa chegaria a mentir não mais para evitar um mal maior, mas por prazer e alegria do coração.

Há, portanto, três maneiras de interpretar este texto: 1) evita-se não apenas toda espécie de mentira como também até mesmo a vontade de mentir; 2) abstém-se da vontade de mentir, mas

mente-se contra a vontade, para evitar um mal maior e 3) evitam-se algumas mentiras, mas permitem-se outras.

A primeira destas interpretações é para aqueles que proíbem a mentira de uma maneira absoluta. As duas outras são para aqueles que pensam que se pode mentir em alguns casos.

Quanto à outra parte do texto: *o costume de mentir é coisa má*, eu não sei se ela está a favor da primeira destas opiniões, a menos que seja explicada desta forma: é da lei dos perfeitos não apenas jamais mentir, como jamais querer mentir e o hábito da mentira não pode ser permitido àqueles que querem avançar na virtude.

E se, à lei que proíbe absolutamente, não somente a mentira, como toda a vontade de mentir, forem apresentados alguns exemplos, sendo que alguns apoiados em uma grande autoridade, se responderia que são de fato pessoas em vias de progressão, às quais são permitidos atos que têm por motivo um dever qualquer de humanidade, sob o ponto de vista dos interesses temporais, mas que a mentira propriamente é tão má que as pessoas espirituais e perfeitas devem ter tanto horror dela que seu hábito não pode ser permitido mesmo àqueles que estão em vias de progressão.

De fato, já mencionamos que a mentira das parteiras egípcias só foi aprovada por causa de seu caráter e como um primeiro passo rumo à evolução, pois mentir por bondade de alma e para

salvar a vida temporal de alguém é entrar no caminho que conduz ao amor pela verdadeira salvação, a salvação eterna⁴⁹.

Capítulo 35

Deus faz perecer todos aqueles que mentem

Sobre o texto: *Fazeis perecer aqueles que mentem*⁵⁰, alguns afirmam que não há exceção para nenhuma mentira, que todas são condenadas. Segundo outros, a condenação se restringe àqueles que mentem de coração, no sentido explicado acima, pois é dizer a verdade em seu coração lamentar a necessidade de mentir, considerando-a como um castigo relacionado a esta vida mortal. Terceiros dizem: “Deus perdoará todos aqueles que falam mentira”, mas não toda espécie de mentira, pois há algumas, como a mencionada pelo Profeta, que serão punidas em todos. Como aquela em que alguém se recusa a confessar seus pecados e procura mesmo justificá-los, sem querer fazer penitência. Isto não lhe parece um mal e, pelo contrário, ele deseja passar por justo e recusa o remédio da confissão.

Esta distinção estaria estabelecida por estas palavras: *Detestais todos os que praticam o mal*⁵¹. Mas vós não fazeis perecer aqueles que, plenos de arrependimento, dizem a verdade em uma

⁴⁹ Ver acima, capítulos 5 e 7.

⁵⁰ Salmo 5: 7.

⁵¹ Salmo 5: 6.

humilde confissão de culpa, para chegar à luz com a prática da verdade, segundo estas palavras do Evangelho de São João: *Aquele que pratica a verdade, vem para a luz*⁵². “Vós fazeis perecer, portanto, não somente todos aqueles que praticam o que odiais, mas também todos que proferem mentiras”, encobrendo-se com uma máscara de justiça e se recusando a confessar seus pecados com espírito de penitência.

Capítulo 36

O falso testemunho.

Quanto ao falso testemunho, proibido pelo Decálogo, não se poderia de nenhuma maneira defender que se pode praticá-lo, desde que se guarde no coração o amor pela verdade.

De fato, quando só se dirige a Deus, basta que o coração permaneça fiel à verdade, mas quando se fala às pessoas, é preciso que a boca do corpo enuncie também a verdade, porque o ser humano não lê o que está nos corações.

Mas, sobre este tema, não é sem propósito perguntar diante de quem se desempenha o papel de testemunha. Se não é diante de todos aqueles a quem falamos, mas diante daqueles que devem útil ou necessariamente conhecer ou acreditar na verdade por nosso intermédio. Como o juiz, por exemplo, que deve evitar o erro

⁵² João 3 : 21.

em seus julgamentos ou aquele que recebe o ensinamento religioso e que deve temer ser enganado em matéria de fé ou ser colocado em dúvida, em virtude da própria autoridade de seu mestre.

Mas, quando uma pessoa o interroga com o objetivo de saber de você uma coisa que não diz respeito a ela ou que ela não tem nenhum interesse em conhecer, não é uma testemunha, mas um traidor o que ela procura. Ao responder a ela com uma mentira, talvez você escape da qualificação de falsa testemunha, mas não da de mentiroso.

Após ter observado que jamais é permitido levantar um falso testemunho, pergunta-se se algumas vezes é permitido mentir. Se toda mentira é um falso testemunho, é preciso ver se não haveria uma compensação, por exemplo, quando se levanta um falso testemunho para evitar um mal maior, como o preceito escrito na Lei: *Honre teu pai e tua mãe*⁵³ é colocado de lado, quando se encontra em presença de um dever mais importante. Desta forma, o próprio Senhor proíbe aquele que ele chama para proclamar o reino de Deus, de prestar as honras na sepultura de seu pai⁵⁴.

⁵³ Êxodo 20: 12.

⁵⁴ Cf. Mateus 8 : 22.

Capítulo 37

Outra opinião.

Quanto ao que é dito: *Ouçá, meu filho, receba minhas palavras e se multiplicarão os anos de sua vida*⁵⁵. *Aferra-te à instrução, não a soltes, guarda-a, porque ela é tua vida*⁵⁶, alguns afirmam que a palavra que o filho recebe não é outra coisa que a palavra de Deus, ou seja, a verdade.

Por consequência, a frase: *Receba minhas palavras e se multiplicarão os anos de tua vida*, corresponde a esta outra: *Fazeis perecer aqueles que mentem*. E o que insinua a sequência do texto, *Aferra-te à instrução, não a soltes, guarda-a, porque ela é tua vida*, se não é o que diz o Apóstolo: *Cada um examine o seu procedimento. Então poderá gloriar-se do que lhe pertence e não do que pertence a outro*⁵⁷.

De fato, aquele que recebe a palavra, ou seja, a verdade, não para ele mesmo, mas para agradar as pessoas, não a conservará, vendo que poderá agradar a estes com a mentira. Mas aquele que a recebe para ele, não deixa nada de falso sair de sua boca. Mesmo quando a mentira pode agradar às pessoas, ele não mente, porque

⁵⁵ Provérbios 4: 10.

⁵⁶ Provérbios 4: 13.

⁵⁷ Gálatas 6: 4.

ele não recebeu a verdade para agradar as pessoas, mas para agradecer a Deus.

Aqui não há meio de dizer: “*Fazeis perecer aqueles que mentem*, mas nem toda mentira”, pois todas as mentiras estão universalmente excluídas por estas palavras: nada de falso sai de sua boca.

No entanto, outros afirmam que isto deve ser interpretado como interpretou o Apóstolo Paulo: *Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum*⁵⁸.

Aqui, de fato, todo juramento está excluído, mas somente da boca do coração. Isto não deve jamais ser feito voluntariamente, mas, com relação à enfermidade do outro, ou seja, para prevenir um mal do outro, que só pode ser convencido com o apoio de um juramento. Ou então para prevenir nosso próprio mal, quando revestidos com o envoltório da mortalidade, não podemos colocar nosso coração a descoberto sem que precisemos de juramentos.

Por fim, se no conjunto destas palavras: “O filho que recebe a palavra se afastará da perdição”, deve ser entendida a Verdade, por quem tudo foi feito, que é imutável e eterna e como a doutrina religiosa tem como objetivo conduzir à sua contemplação, poderemos acreditar que as palavras: “E nada de falso sai de sua boca” significam que nada de falso deve se misturar a essa doutrina. Este

⁵⁸ Mateus 5: 34.

é o tipo de mentira que nenhuma compensação poderia autorizar e que é preciso evitar absolutamente e acima de tudo.

Se nas palavras “nada de falso” devem ser entendidas toda espécie de mentira, aquele que pensa que se pode mentir em certos casos entenderá por “sua boca” a boca do coração, de acordo com a explicação dada acima.

Capítulo 38

Erramos na avaliação dos bens.

No meio das divergências que aparecem nesta discussão, uns sustentam que não se deve mentir jamais e apoiam sua opinião em testemunhos divinos.

Outros afirmam o contrário e procuram nas próprias palavras dos textos sagrados um lugar para a mentira. Ninguém pode dizer que tenha encontrado nas Escrituras um exemplo ou uma palavra que autorize amar ou não odiar qualquer espécie de mentira. No máximo se verá que se pode algumas vezes praticar, ao mentir, uma ação que se odeia, para evitar outra que se odeia mais.

Mas as pessoas se enganam ao subordinar o que há de melhor ao que há de pior. De fato, se você defende que se pode algumas vezes fazer um mal menor para evitar um maior, isto não será de acordo com as regras da verdade, mas é de acordo com as

paixões e os hábitos que as pessoas medirão o mal e o maior para elas não será, na realidade, aquele que deve inspirar mais aversão, mas aquele que ela mais teme.

E este erro provém da perversidade dos afetos, pois, como existem para nós duas vidas, uma eterna que Deus nos promete e outra temporal, em que estamos agora, assim que se dá preferência a esta, em detrimento da outra, direciona-se a ela todas as suas ações e os pecados considerados mais graves são aqueles que provocam danos a esta existência passageira, aqueles que a privam injustamente de algumas de suas vantagens ou a destrói inteiramente, provocando-lhe a morte.

Desta forma, detestam-se os ladrões, os bandidos, os insolentes, os carrascos, os assassinos, muito mais dos que os impudicos, os beberrões e os libertinos, se estes não incomodam ninguém. Não se compreende, ou não se quer ver, a injúria que estes últimos fazem a Deus. Não, certamente, que eles lhe façam algum mal, mas porque fazem mal a eles mesmos, quando profanam neles mesmos os dons temporais e, com isso, se tornam indignos dos bens eternos. Sobretudo se já se tornaram templos de Deus, de acordo com estas palavras, que o Apóstolo dirige a todos os cristãos: *Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de*

*Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é sagrado e isto sois vós*⁵⁹.

Capítulo 39

As várias espécies de pecados.

No fundo, todos esses pecados, tanto aqueles que privam o próximo de algumas das vantagens desta vida, quanto aqueles através dos quais as pessoas se sujam sem prejudicar ninguém, todos esses pecados, mesmo quando parecem propiciar a esta vida temporal um prazer ou um benefício, pois são estes os objetivos ou os fins a que eles se propõem, são, no entanto, entraves e obstáculos multiplicados no caminho que leva à vida eterna.

Uns só prejudicam aqueles que os cometem e os outros prejudicam aqueles sobre quem são cometidos. De fato, quando o malfeitor leva os bens que pertencem exclusivamente à vida no tempo, ele faz um mal a ele mesmo e só ele perde os direitos à vida eterna e não suas vítimas. Assim, ao se deixar privar de seus bens, seja para não pecar, seja para se livrar dos grandes inconvenientes relacionados com sua posse, não apenas não se peca, como também se demonstra, no primeiro caso, uma coragem digna de elogio e, no segundo, permanece-se inocente e colhe-se o proveito disso.

⁵⁹ 1 Coríntios 3: 16 e 17.

Quanto a tudo o que diz respeito à pureza e à religião, se alguém procura nos privar delas pela violência, precisamos __ se nos colocam nessa situação ou nos deixam essa escolha __ nos livrar dessa situação mesmo que a custa de faltas menores; contudo, todavia, que isso não resulte em um mal para ninguém. Mas, neste caso, a falta cometida para evitar um mal maior deixa de ser pecado.

Quando se trata de algum bem útil __ o dinheiro, por exemplo, ou qualquer outro bem temporal __ não se chama de perda aquilo que se sacrifica com vistas a um bem mais considerável. Assim, no que diz respeito à santidade, não se chama pecado aquilo que se faz para evitar um mal maior.

Ou então, se se quer chamar de perda o que se sacrifica para escapar de uma perda maior, que se chame também de pecado o que acabamos de dizer. No entanto, que ninguém hesite em fazê-lo para evitar um mal maior e não hesite em sofrer uma perda menor para se prevenir de uma maior.

Capítulo 40

Pudor, castidade e verdade.

Estas são as três coisas que se precisa conservar para ser santo: o pudor do corpo, a castidade da alma e a verdade da doutrina.

Ninguém pode perder o pudor do corpo, sem a permissão e o consentimento da alma, pois qualquer atentado exercido contra nosso corpo por uma força maior só pode ser qualificado de impudor na medida em que nós não concedemos a permissão para isso e o sofremos contra nossa vontade. Às vezes há uma razão para que se deixe isso acontecer, mas jamais uma concessão, pois consentir é aprovar e querer, enquanto que se pode deixar que algo aconteça contra nossa vontade e para evitar algo mais culposo.

É inquestionável que o consentimento para um impudor corpóreo destrói também a castidade da alma. De fato, a castidade da alma consiste na boa vontade e no amor sincero, que só se perde quando amamos e desejamos o que a verdade nos proíbe amar e desejar.

É preciso então conservar o amor sincero a Deus e ao próximo, que santifica a castidade da alma e fazer o máximo possível, com esforços e preces humildes, para que, quando se sofrer um atentado violento ao pudor de nosso corpo, o sentido interior da alma, ligado às emoções da carne, não experimente nenhum deleite, ou, se isso não for possível, que a alma conserve sua castidade, recusando todo seu consentimento para isso.

Mas, com a castidade da alma, é preciso conservar também a correção e a benevolência, no que toca ao amor ao próximo e a

santidade, no que toca ao amor a Deus. Com a correção, não fazemos o mal a ninguém e, com a benevolência, fazemos o bem que podemos fazer. Com a santidade, nós honramos a Deus.

A mentira somente fere a verdade da doutrina, da religião e da piedade. A verdade soberana, de onde esta doutrina deriva, está livre de qualquer atentado. Nós só poderemos chegar a ela, nos estabelecermos nela inteiramente e nos ligarmos a ela solidamente, quando este corpo corruptível tiver se revestido de incorruptibilidade e este corpo mortal, da imortalidade⁶⁰.

Mas, nesta vida, toda santidade é um impulso, um movimento, uma tendência rumo a esse objetivo e esse processo tem por guia a doutrina que nos faz conhecer e desfrutar da própria verdade, por meio da palavra humana e dos sinais visíveis dos sacramentos.

É por isso que é preciso manter pura essa doutrina, acima de tudo, preservando-a de qualquer mentira que possa corrompê-la, para que, se a castidade da alma sofrer qualquer atentado, haja meios para repará-la, pois a autoridade da doutrina, uma vez destruída, a castidade da alma não pode ser mantida e nem ser restaurada.

⁶⁰ Cf. 1 Coríntios 15: 53.

Capítulo 41

O pudor, a fé e a castidade da alma.

De tudo isto resulta então esta conclusão: para salvar a pureza do corpo, é admitida uma mentira que não fira a doutrina da santidade, nem a própria santidade, nem a retidão e nem a benevolência.

Se alguém desenvolver um amor pela verdade, não somente ao nível da contemplação, mas até o ponto de sempre falar a verdade, de só proferir com a boca aquilo que concebeu e viu com seu espírito, a preferir a beleza da fé, sempre verídica, não somente em detrimento do ouro, da prata, das pedras preciosas, das ricas propriedades, mas até mesmo à vida no tempo e a todos os bens corpóreos, eu não sei se é possível acusá-lo razoavelmente de erro. E se ele teve razão em preferir esse bem antes que todas as benesses temporais, a estimá-lo acima de qualquer coisa, ele teria igualmente razão em colocá-lo acima dos bens temporais das outras pessoas, das pessoas que ele deve salvar e ajudar, com correção e benevolência. Ele amaria a fé perfeita, não somente acreditando em tudo o que lhe proporia uma autoridade superior e digna de confiança, como também enunciando fielmente o que ele mesmo julgasse necessário dizer e dizendo realmente.

De fato, a palavra latina *fides* (fé) vem de *fio* (acontecer, ocorrer, resultar), porque a coisa que se diz, se faz, acontece; o que não é o caso, evidentemente, com aquele que mente.

Mesmo que a violação da verdade não seja muito grande, quando a mentira não causa nenhum inconveniente ou dano a ninguém e até mesmo tenha por objetivo salvar uma vida ou o pudor de um corpo, no entanto ocorre uma violação e uma violação a algo que deve ser mantido na castidade e na santidade da alma.

Somos então forçados __ não pela opinião humana, que frequentemente é errônea, mas pela própria verdade, esse poder superior a tudo e absolutamente invencível __ a preferir a fé perfeita, ao próprio pudor do corpo, pois a castidade da alma é um amor bem controlado que não submete o superior ao inferior.

Tudo o que diz respeito ao corpo é inferior ao que diz respeito à alma. Com toda certeza, aquele que mente para garantir o pudor de seu corpo vê, no atentado planejado contra ele, a paixão alheia e não a sua. Ele deve então tomar suas precauções para não participar desse crime permitindo-o. Onde estaria essa permissão, se não é na alma?

O pudor do corpo é perdido então na alma. Se a alma não dá seu consentimento ou permissão a um atentado provocado por uma paixão passageira, não se pode, de nenhuma maneira, dizer que o pudor do corpo foi atingido.

Segue-se daí que é preciso dar muito mais importância à conservação da castidade da alma, já que ela é a salvaguarda do pudor do corpo. Por isso é preciso, na medida em que estiver ao nosso alcance, colocar tanto um quanto a outra, ao abrigo de qualquer atentado, estabelecendo ao redor deles a muralha e a barreira dos bons costumes e de uma conduta santa.

Mas, se não for possível salvar os dois, quem não vê o que é preciso sacrificar preferencialmente, quando se sabe quem deve ter a preferência, quando falamos de corpo e alma, castidade do corpo e castidade da alma, pureza do corpo e pureza da alma? Quem não vê o que deve evitar preferencialmente: o pecado alheio ou o pecado próprio?

Capítulo 42

É preciso evitar as oito espécies de mentiras enumeradas.

De toda esta discussão resulta que o sentido dos testemunhos das Escrituras é que jamais se deve mentir, pois não encontramos, na conduta e nas ações dos santos, nenhum exemplo de mentira que se possa imitar; pelo menos nas partes das Escrituras que não possuem um sentido figurado, como, por exemplo, os Atos dos Apóstolos.

As palavras do Senhor mencionadas nos Evangelhos e que os ignorantes poderiam tomar como mentiras, são palavras figuradas.

Quanto ao que diz o Apóstolo: *Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos*⁶¹, isto não indica uma disposição para mentir, mas um sentimento de compaixão, uma caridade tão grande que o fazia agir, com relação àqueles que ele queria salvar, como se ele mesmo tivesse que sofrer o mal que ele desejava curar.

Não se pode, portanto, mentir no ensinamento da verdade, pois isto é um crime muito grande, a primeira espécie de mentira e a mais detestável.

Não se pode mentir da segunda maneira, porque não se pode provocar um dano em ninguém. Nem da terceira maneira, pois não se pode fazer um bem a alguém em detrimento de outros. Nem da quarta maneira, porque o prazer de mentir é vicioso propriamente. Nem da quinta, porque, como não se deve dizer a verdade só para agradar as pessoas, também não se deve mentir, porque é algo culposo propriamente e porque é uma mentira. Também não se pode mentir da sexta maneira, pois não é justo alterar a verdade do testemunho para o bem temporal ou pela vida de quem quer que seja.

⁶¹ 1 Coríntios 9: 22.

Também não se deve conduzir ninguém à salvação eterna com a ajuda da mentira. Não pode ser que alguém seja convertido à virtude às custas do vício daquele que o converte, pois, após sua conversão, o convertido deve ter, com relação à conduta alheia, a mesma conduta que tiveram com relação a ele. Por consequência, não foi para o bem, mas para o mal que se converteu, quando o modelo apresentado para a conversão foi a mentira.

Não se pode mentir também da sétima maneira, porque não se deve preferir a vantagem ou a vida temporal de alguém, à perfeição da fé.

Se nossas boas ações causaram uma má impressão no próximo, a ponto de torná-lo pior e afastá-lo da santidade, nem por isso devemos nos abster de praticá-las, pois temos que seguir antes de tudo a doutrina que nos obriga a chamar e convidar aqueles que amamos como a nós mesmos.

Devemos nos impregnar valentemente com este pensamento do Apóstolo: *Somos para Deus o perfume de Cristo entre os que se salvam e entre os que se perdem. Para estes, na verdade, odor de morte e que dá a morte; para os primeiros, porém, odor de vida e que dá a vida. E qual o homem capaz de uma tal obra?*⁶².

Por fim, não se pode mentir da oitava maneira, porque a castidade da alma, que é o pudor do corpo, conta como um bem e

⁶² 2 Coríntios 2: 15 e 16.

porque, dentre os males, aquele que praticamos é maior do que aquele que deixamos praticar.

Nestas oito espécies de mentiras, pecamos menos na medida em que nos aproximamos da oitava e mais, na medida em que nos aproximamos da primeira. Mas pensar que possa haver uma mentira isenta de pecado, é se enganar grosseiramente, imaginando que se pode honestamente enganar os outros.

Capítulo 43

A cegueira dos paladinos da mentira.

As pessoas são tão cegas que, se concordamos que há mentiras isentas de pecado, elas não se contentariam com isso e logo afirmariam que é um pecado não mentir.

Alguns foram tão longe em sua apologia da mentira que chegaram a acusar o apóstolo São Paulo de ter dito uma da primeira espécie, a mais criminosa de todas.

Eles afirmam, de fato, que em sua Epístola aos Gálatas ___ escrita, como todas as outras, para ensinar a religião e a santidade ___ ele mentiu, quando disse sobre Pedro e Barnabé: *Quando vi que o seu procedimento não era segundo a verdade do Evangelho*⁶³.

⁶³ Gálatas 2: 14.

Mesmo querendo justificar o erro de Pedro e do mau caminho que ele tomou, eles só fazem falsificar o próprio caminho da religião, que é, para todos, o caminho da salvação, destruindo e aniquilando a autoridade das Escrituras. Eles não percebem que não é uma simples mentira, mas um perjúrio, o que eles censuram no Apóstolo, em matéria de ensinamento religioso, ou seja, em uma carta onde é pregado o Evangelho, pois, antes de contar o fato, ele havia dito: *Isto que vos escrevo, eis que, perante Deus, eu não minto*⁶⁴.

Mas, terminemos aqui esta discussão.

Tudo bem pesado, tudo bem considerado, o que devemos sobretudo reter, o que devemos principalmente pedir é o mesmo que o Apóstolo expressa nestes termos: *Não vos sobreveio tentação alguma que ultrapassasse as forças humanas. Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas, com a tentação, ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*⁶⁵.



⁶⁴ Gálatas 1: 20. *Quae autem scribo vobis, ecce coram Deo, quia non mentior.*

⁶⁵ 1 Coríntios 10: 13.

Créditos

De mendacio.

© 395 Aurelius Augustinus Hiponnensis

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Devoille.

Traduzido de *Du mensonge* in *Œuvres complètes de Saint Augustin*, Bar-le-Duc, 1866, por Souza Campos, E. L. de

Conteúdo

A mentira	2
Introdução	2
Capítulo 01	3
A dificuldade do tema.	3
Capítulo 02	4
As piadas não são mentiras.	4
Capítulo 03	5
O que é a mentira? Para mentir é preciso ter a intenção de enganar e esta intenção basta?	5
Capítulo 04	7
Mente quem diz falsidade sem intenção de enganar ou quem diz a verdade com intenção de enganar?	7
Capítulo 05	12
A mentira pode ser, algumas vezes, útil ou permitida?	12
Capítulo 06	14
A mentira no Antigo Testamento.	14
Capítulo 07	15
Em que sentido os livros do Antigo Testamento não ensinam a mentir.	15
Capítulo 08	17
Não há nenhuma mentira nos livros do Novo Testamento.	17
Capítulo 09	21
Não há , nos livros sagrados, nenhum argumento válido a favor da mentira.	21

Capítulo 10	26
Não se de mentir nem mesmo para conservar a castidade do corpo. O que é a libertinagem.	26
Capítulo 11	28
Não se deve mentir nem mesmo para propiciar aos outros a vida eterna.	28
Capítulo 12	30
Pode-se mentir para evitar um mal maior?	30
Capítulo 13	31
A crítica desta opinião.	31
Capítulo 14	33
Evitar a colaboração com o pecado.	33
Capítulo 15	36
Mentir para evitar a profanação do corpo.	36
Capítulo 16	38
É ilícita toda mentira que prejudica alguém.	38
Capítulo 17	39
Jamais se deve mentir em matéria de religião.	39
Capítulo 18	41
É preciso evitar as mentiras que prejudicam alguém ou a si mesmo. Diferença entre a pessoa que mente e o mentiroso.	41
Capítulo 19	43
A mentira benéfica.	43
Capítulo 20	44
Existem mentiras honestas?	44
Capítulo 21	46

A mentira e o falso testemunho. _____	46
Capítulo 22 _____	47
Mente-se ao ocultar um homicida ou um inocente acusado de um crime. _____	47
Capítulo 23 _____	49
O exemplo do Bispo de Tagaste, Firmo. _____	49
Capítulo 24 _____	51
Como responder a quem perguntar onde está escondido um fugitivo. _____	51
Capítulo 25 _____	53
Oito espécies de mentiras. _____	53
Capítulo 26 _____	55
Testemunhos divinos que proíbem a mentira. _____	55
Capítulo 27 _____	57
A outra face. _____	57
Capítulo 28 _____	58
Evitar o juramento. _____	58
Capítulo 29 _____	59
Não se preocupar com o amanhã. _____	59
Capítulo 30 _____	60
O apóstolo deve tirar o sustento da evangelização. _____	60
Capítulo 31 _____	61
A boca do coração. _____	61
Capítulo 32 _____	64
A boca do coração segundo o Evangelho. _____	64
Capítulo 33 _____	65

Santo Agostinho – Sobre a mentira

Abster-se das murmurações. _____	65
Capítulo 35 _____	66
Não desejar proferir nenhuma mentira. _____	66
Capítulo 35 _____	69
Deus faz perecer todos aqueles que mentem _____	69
Capítulo 36 _____	70
O falso testemunho. _____	70
Capítulo 37 _____	72
Outra opinião. _____	72
Capítulo 38 _____	74
Erramos na avaliação dos bens. _____	74
Capítulo 39 _____	76
As várias espécies de pecados. _____	76
Capítulo 40 _____	77
Pudor, castidade e verdade. _____	77
Capítulo 41 _____	80
O pudor, a fé e a castidade da alma. _____	80
Capítulo 42 _____	82
É preciso evitar as oito espécies de mentiras enumeradas. _____	82
Capítulo 43 _____	85
A cegueira dos paladinos da mentira. _____	85
Créditos _____	87
Conteúdo _____	88